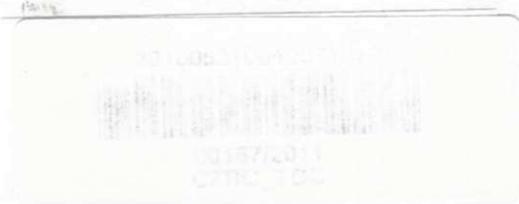




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCISCA ALVES DA SILVA

**ENTRE O PASSADO E O PRESENTE:
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE
DE VELHOS RESIDENTES NO LAR DOS IDOSOS EM CAJAZEIRAS – PB**



CAJAZEIRAS – PB

2008



*TCC
93.142
FRANCISCA*

FRANCISCA ALVES DA SILVA

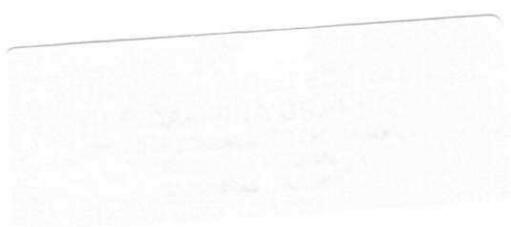
**ENTRE O PASSADO E O PRESENTE:
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE
DE VELHOS RESIDENTES NO LAR DOS IDOSOS EM CAJAZEIRAS – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2008





S586e Silva, Francisca Alves da.
Entre o passado e o presente: subjetividade e identidade de velhos residentes no lar dos idosos em Cajazeiras-PB / Francisca Alves da Silva. - Cajazeiras, 2008.
52p. : il. color.

Não Disponível em CD.
Monografia(Especializacão em Língua Portuguesa)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008
Contem Bibliografia.

1. Análise do discurso. 2. Velhice. 3. Subjetividade. 4. Especialização. I. Sousa, Jose Wanderley Alves de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 81'42

**Entre o passado e o presente: subjetividade e identidade de velhos
residentes no lar dos idosos em Cajazeiras**

Francisca Alves da Silva

Monografia aprovada em 18/11 / 2008 como requisito parcial para
obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em
LINGUAGEM PORTUGUESA, da UFCG - Centro de Formação de
Professores/ Unidade Acadêmica de Letras, com a nota 9,0 (NOVE) pela
seguinte banca:

Orientador: Prof. Dr. José Vanderley Alves de Sousa

Profa. Ms. Viviane Gomes de Celallos
(Argüidor(a))

Profa. Dra. Iris Helena Guadalupe Vasconcelos
(Argüidor(a))

**Cajazeiras, PB
2008**

O VELHO FRANCISCO

*Já gozei de boa vida.
Tinha até meu bangalô.
Cobertor, comida, roupa lavada.
Vida veio e me levou.*

*Fui eu mesmo alforriado
Pela mão de imperador.
Tive terra, arado, cavalo e brita.
Vida veio e me levou.*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco, vem.
Vem todo domingo, tem.
Cheiro de flor.*

*Quem me ver, ver nem bagaço
Do que viu, quem me enfrentou.
Campeão eu fui em queda de braço
Vida veio e me levou.*

*Li jornal, bula e prefácio.
Que aprendi sem professor.
Ela vem toda de brinco, vem.
Vem todo domingo, tem.
Cheiro de flor.*

*Eu gerei dezoito filhas.
Me tornei navegador
Vice-rei das ilhas da Caraíba
Vida veio e me levou.*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor.*

*Fechei negócio da China.
Desbravei o interior.
Possuí mina de prata, jazida
Vida veio e me levou.*

*Freqüentei palácios sem fazer feio
Vida veio e me levou.*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor.
Hoje não deram almoço, nem
Acho que o moço até nem me lavou.*

*Acho que fui deputado.
Acho que tudo acabou
Quase que já não me lembro de
nada
Vida veio e me levou.*

*Chico Buarque de Holanda
(em <http://chicobuarque.uol.com.br>)*

À minha amada mãe, Simplicia Lopes da Silva, *in memoriam*, pelo que hoje sou e pelo que um dia serei. Todos os meus passos são guiados pelos ensinamentos desta mulher determinada e forte, que sempre incentivou suas filhas no estudo dizendo sabiamente que ele era a única riqueza que poderia nos oferecer. Estou aqui mãe, colhendo a riqueza que me destes.

Aos meus sobrinhos Rafaela, Rafael, Letícia, Renata, Lissandra e Lucas, razão de muitas das minhas batalhas.

Às minhas irmãs, Damiana e Joana Darc, que me apóiam e rezam pelo meu sucesso que é também sucesso delas.

A minha Tia Maria, que em sua sabedoria e história de vida, dedicou-se no zelo e respeito a minha vó Humbelina e o meu vovô Antonio Lopes, de quem tenho muitas saudades e recordações.

A Sassarico, meu gatinho de estimação, meu fiel companheiro!

COM AMOR, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque é a linha imaginária em que os humanos se apóiam para agradecer quando obtém êxito e pedir socorro quando tudo parece perdido.

Ao Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa, pelo interesse e dedicação sobre o tema do trabalho;

Aos velhos residentes no Lar dos Idosos em Cajazeiras – PB pela colaboração e os ensinamentos para a vida através de suas sábias palavras;

A Gilberto e Glória que em suas missões de vida dedicam-se no cuidar dos diamantes da sabedoria, pelo acolhimento e disponibilidade;

Aos meus amigos Anmaina, Joelma, Elri, Bevândia, Junior e aos colegas e amigos de trabalho da Creche São José, pela paciência em ouvir minhas inquietudes e discussões sobre velhice durante o curso e escrita deste trabalho;

E a todos os professores da Unidade Acadêmica de Letras que contribuíram para a ampliação do meu universo de saber, do meu modo de ver a arquitetura do mundo pela linguagem, via discurso, na sedução das Letras.

RESUMO

O presente estudo analisa os sentidos da velhice e a produção identitária do sujeito velho na sociedade moderna, a partir das lembranças de velhos residentes no Lar dos Idosos em Cajazeiras - PB, a fim de compreender como a identidade do velho é constituída na homogeneidade de funcionamento do abrigo. O universo da pesquisa constitui-se basicamente dos velhos residentes no Lar e do referencial teórico que trata da temática. Os dados foram coletados através de entrevistas livres, semi-estruturadas, que foram transcritas e analisadas com o objetivo de investigar os sentidos da identidade e subjetividade da velhice e as marcas identitárias que ora são camufladas ora são reveladas no discurso do velho sobre si mesmo. Os pressupostos teórico-metodológicos são pautados nos fundamentos da Análise de Discurso de orientação francesa. Constatou-se, nesse estudo, que ao rememorar, ao falar sobre si mesmo, o velho seleciona, através da memória, aquilo que o marcou mais intensamente e que, portanto, é marca identitária de sua personalidade e de sua identidade. Assim, nas práticas cotidianas no abrigo, o velho usa de sua experiência e modo de vida pré-abrigado para na homogeneidade de funcionamento da casa e no processo de desenraizamento sofrido, definir as fronteiras de sua subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Subjetividade. Identidade. Velhice.

ABSTRACT

The present study analyzes the senses of the age and the construction of the old age subject's identity in modern society, considering the remembrances of the old aged people that live in "Lar dos Idosos" (Home of Seniors), Cajazeiras – PB, in order to understand how the working of the institution operates in the constitution of its residents' identity. The speech of the old aged people and the theoretical references that treat of the theme constitute the universe. The data were collected through free interviews, semi-structured, that were transcribed and analyzed. The theoretical and methodological presumptions are according to the foundation of the Analysis of Speech of French orientation. The study shows that, when the old aged people talk about themselves, they select, through the memory, the events that marked their lives more intensely. Thus, these events are marks of their personality and identity. This way, the homogeneity in the operation of the institution contributes to the suffering of these people, as process in which they lose their roots. However, the old aged people use their experiences and style of life they had before going to the institution in their daily practices in order to establish bounds of their subjectivity.

KEYWORD: Speech. Subjectivity. Identity. Old Aged.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 PALAVRAS INICIAIS.....	10
2 ANÁLISE DE DISCURSO: ALGUMAS REFERÊNCIAS.....	12
2.1 Sujeito, Discurso e Enunciação: vozes controladas pela ordem do discurso.....	12
2.2 História e Memória: o lembrar.....	16
2.3 Identidade e Pertencimento: o definido agora é mutável.....	18
Velhice e cultura.....	19
2.3.1 Desmistificando a idéia de velhice.....	21
2.3.2 Legalizando o direito de ser velho.....	23
3 SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DOS VELHOS	
3.1 O Cenário da pesquisa: o Lar dos Idosos.....	27
3.2 O discurso de Dona Maria.....	29
3.3 O discurso de seu Joel.....	34
4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5 REFERÊNCIAS.....	
6 ANEXOS.....	

1 PALAVRAS INICIAIS

Três momentos na história foram significativos para o crescente número da população idosa: 1) a fase pré-industrial em que era elevada tanto a taxa de natalidade como a de mortalidade; 2) o período da Revolução Industrial, no século XIX, quando se começou a controlar a natalidade e a mortalidade, respectivamente e; 3) a fase pós-industrial com o avanço da medicina, do investimento em saúde e educação, controlando com maior veemência as doenças contagiosas, crônicas e degenerativas que, em geral, atingem os velhos. Dessa forma aumentou a expectativa de vida e o número de idosos na sociedade.

Esse fenômeno do envelhecimento que ocorreu (e ocorre) no Brasil e em outros países nos últimos anos, tem chamado a atenção para a temática da velhice e mobilizado vários movimentos sociais no tratamento do tema. No Brasil em 1994 foi aprovada e sancionada a lei nº 8.884, que alude à política nacional do idoso. Em 1996 foi aprovado o decreto nº 1.948 tratando da mesma temática, essas ações políticas resultaram na elaboração do Estatuto do Idoso sancionado em 2003. Também, em 2003 a igreja através da Campanha da Fraternidade traz como tema Fraternidade e Velhice.

Os saberes sobre o envelhecimento veiculados no discurso religioso, via Campanha da Fraternidade, assim como, no discurso político, via Estatuto do Idoso, dialogam com outros dizeres, seja em conformidade ou oposição, e oficializam uma nova “verdade” sobre **ser velho**.

Este trabalho constitui-se como resultado de uma pesquisa sobre os sentidos do envelhecimento e a identidade do sujeito velho, incitada a partir do **Projeto de Extensão Tempo de Madureza: onde brincadeira é coisa séria**, do Centro de Formação de Professores – CFP/UFCG, desenvolvido nas instituições asilares: Abrigo Lucas Zorn e Lar dos Idosos em Cajazeiras – PB, no período de 2003 - 2004. A interação com os velhos suscitou o desejo de descortinar as tramas da história e os “efeitos de memória” tecidos pelos seus discursos.

Assim, a investigação objetiva discutir as relações estabelecidas entre discurso, história e memória a partir de narrativas orais de velhos residentes no Lar dos Idosos em Cajazeiras – PB, buscando compreender como é constituída a identidade desses sujeitos. Concebe-se, por este viés investigativo, que um abrigo, seja para idosos ou crianças, é uma instituição em que a rotina massifica seus dependentes. Os horários de alimentação, possíveis lazeres, visitas, acordar, assistir televisão e dormir são os mesmos para todos que ali residem. Como, então, os velhos afirmam-se enquanto sujeitos? Quais sentidos do ser velho estão

camuflados em seu falar? Como é marcada a subjetividade desses sujeitos no discurso mnemônico?

Na intenção de responder a essas inquietações, enfatizamos na segunda parte do trabalho, as relações existentes entre discurso, história e memória e suas implicações na produção do sujeito e dos sentidos da velhice. Discorremos, ainda, sobre concepções de formações discursivas e ideológicas, sujeito e discurso, pelas orientações da Análise de Discurso de orientação francesa, além da relação de identidade e cultura, na perspectiva dos estudos culturais e velhice, à luz das teorias da Psicologia Social e Sociologia.

Na terceira parte do trabalho, analisando as histórias orais de vida de dois velhos residentes no Lar dos Idosos, um homem e uma mulher, propomo-nos a perceber como a velhice é experimentada pelos idosos frente à homogeneidade característica de um Lar. Empreendemos, ainda, uma análise sobre o envelhecimento e a formação da identidade do velho asilar, analisando como os velhos residentes no Lar dos Idosos em Cajazeiras – PB reconstróem sua identidade enquanto sujeitos históricos, através do discurso.

Na conclusão referenda-se a proposta da pesquisa em favor do desvendar como a identidade dos velhos abrigados é marcada, constituída, bem como para perceber os sentidos do envelhecimento nas narrativas dos velhos sobre si mesmo.

2 ANÁLISE DE DISCURSO: ALGUMAS REFERÊNCIAS

A Análise de Discurso de Orientação Francesa (doravante AD) é um campo transdisciplinar desenvolvido há mais de quatro décadas. Fundada por Michael Pêcheux, no final dos anos 60, a AD mantém filiações teóricas com a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Essa disciplina tem como objeto de estudo o discurso. Este, diferente do texto e do enunciado, é visto como processo. Então, a AD, como afirma Gregolin (2007:6): “visa a aprender esse novo objeto (discurso como processo), indagando sobre as condições de sua produção, a partir do pressuposto de que o discurso é determinado pelo tecido histórico-social que o constitui”.

Este tecido que constitui o discurso é regido por forças que determinam o que pode ser dito. O discurso, então, é controlado e selecionado. O que é dito, enunciado, é ajustado por algo externo ao sujeito. Sua posição na estrutura social assim como a posição do seu interlocutor; a formação ideológica e a formação discursiva a que pertencem, ou seja, a visão do mundo que possuem e a forma como esta visão é expressa são elementos do social e da história que exercem influência no dizer.

6.1 Sujeito, Discurso e Enunciação: vozes controladas pela ordem do discurso.

Durante todo esse período de estudo em Análise de Discurso, estive o sujeito no cerne de suas discussões. Muitos dizeres sobre ele ora se complementam ora se negam, tamanha a complexidade desse assunto. No entanto, uma idéia sobre sujeito é fruto de consenso entre os analistas dessa linha. A idéia de que ele não é senhor do seu dizer, não é uno, consciente e dono das circunstâncias enunciativas.

Existe na sociedade forças que determinam o que pode ser dito. O discurso é controlado e selecionado. E as relações de classes implicam algumas posições políticas e ideológicas, essas por sua vez, definem formações discursivas que pontuam o que pode e deve ser dito.

É nesse espaço das formações discursivas correspondentes a determinadas formações ideológicas que estão o discurso e o sujeito.

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou

seja, se ele não se submete à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (Orlandi, 2007: 48-49.)

O pensamento de Orlandi espelha-se na tese de Foucault sobre sujeito. Contrário à idéia do sujeito cartesiano: pleno, livre e fundador da história, sua proposta é a “de pensar o sujeito como objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (REVEL, 2005:84).

O sujeito, então, é constituído historicamente e ao invés de ser soberano é “dividido, multifacetado em conflito consigo mesmo e submetido pelo inconsciente e pela ideologia, produtor de sentidos múltiplos que se originam em lugares variados (Furlanetto, 2003:4)”. Sendo o sujeito uma dispersão, o seu lugar é vazio e pode ser preenchido por qualquer indivíduo que possua certas condições institucionalmente normalizadas, ou seja, esteja habilitado a assumir determinados enunciados discursivos.

Como afirma Bakhtin (2006: 116):

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social, ou não, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).

Isso quer dizer que o sujeito tem seu discurso regulado mediante a situação, o contexto de produção. Ninguém diz o que quer, quando quer, para qualquer um e de qualquer maneira. Como afirma Foucault (1999:8-9) em a *Ordem do Discurso*:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Esses procedimentos referendados por Foucault resultam em micro forças que controlam o discurso. E como o próprio Foucault (1999: 10) aponta, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Aqueles que dominam o discurso verdadeiro de determinada época domina, por consequência, a sociedade. A forma mais sutil de exercício de poder ocorre no e pelo discurso. E este não é uma produção individual.

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. (BAKHTIN, 2006: 36)

Conforme Bakhtin a consciência individual é um fato sócioideológico. Sua materialidade é a linguagem e esta não serve unicamente para um interlocutor se comunicar com outro. A linguagem é usada como forma de poder, pois, através dela podemos coagir, promover ou destruir alguém.

Para tanto, nossa posição social é muito influente. O lugar que o sujeito ocupa na ordem do discurso define o valor do seu dizer. O discurso não é inocente. Basta observarmos o discurso político. Neste encontramos duelos lingüísticos e ideológicos, baseados na história, que usando da memória discursiva, do interdiscurso, os interlocutores buscam persuadir o público eleitor ridicularizando o discurso alheio ou jogando - o na vala comum da descredibilidade para, assim, assumir ou permanecer no poder. Conforme Orlandi (2007:31):

A memória tem suas características, pensadas em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

A idéia de uma consciência totalmente individual é fictícia. Mesmo o diálogo interior, aquele que o indivíduo faz em pensamento consigo mesmo, possui influência sócio - histórica e ideológica.

O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e conseqüentemente fora da orientação social dessa expressão e o próprio pensamento. Assim, a personalidade que se exprime apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter - relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que é expressão exterior, um território social (BAKHTIN, 2006: 121).

Em meio ao exposto é perceptível que tanto o sujeito quanto o discurso são determinados socialmente. “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.” (FOUCAULT, 1999: 37).

Sendo assim, uma pessoa para assumir a posição de sujeito de um determinado discurso (o religioso, por exemplo) precisa preencher certas exigências institucionalizadas na sociedade, portanto, o lugar do sujeito é um lugar vazio. O sujeito não é uma unidade, é uma dispersão. Ele reflete no e sobre seu tempo. “[...] Na perspectiva foucaultiana, ninguém é e nem nasce sujeito, seja sobre a forma mais libertária, ou sobre o modo mais submetido” (SOUZA, 2003: 39). Ninguém nasce sujeito, mas torna-se sujeito, ocupa um lugar enquanto enunciador em determinados momentos.

Quem fala, fala de um determinado lugar histórico e ideológico. Isso significa que seu dizer é a réplica do discurso de seu grupo social, pois “o “árbitro” da discursividade não é o indivíduo, mas as classes sociais. O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, 1998: 43).

As palavras são do sujeito que fala e do outro (interlocutor) também, então, o sujeito não tem certeza se está falando ou algo fala por ele, pois, quando “eu e tu” entramos na ordem do discurso entram juntos nossa história, posição social, ideologia, situação enunciativa. Todos esses elementos estão juntos ao discurso definindo o que podemos dizer e o que é interdito naquele momento. Porque “na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é falado por um discurso.” (FIORIN, 1998: 44).

Nessa dinâmica do discurso podemos perceber a relação entre língua e ideologia e como os sujeitos, os interlocutores dão sentido ao seu dizer e são significados por ele. O discurso é incompleto, é de todos e de ninguém, é um jogo entre paráfrase e polissemia, entre o já - dito e o novo. É nesse espaço de ruptura e descontinuidades que os sujeitos e os sentidos se movimentam, pois:

A incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles sempre estão se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. [...] Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia. (ORLANDI, 2007:37).

Então, o sujeito e o discurso, conseqüentemente, os sentidos, são constituídos na e pela história, conforme determinações sociais e ideológicas de um dado grupo social, de certo contexto. A palavra, nos dizeres bakhtinianos, terá tantos significados possíveis quantos contextos possíveis.

Sendo assim, para perceber os sentidos da velhice e como o velho constitui sua identidade a partir do discurso sobre si mesmo, precisa-se saber que sentidos o termo velho, representativo desse sujeito, assimilou no decorrer da história. Estamos no âmbito da representação social da velhice, estamos no campo da identidade.

2.2 História e Memória: o lembrar.

O surgimento da moderna história oral em 1948, após a Segunda Guerra Mundial, está atrelado ao surgimento da fita, pois com o avanço tecnológico tornou-se viável o registro da oralidade, o que ofereceu aos pesquisadores um vasto campo de estudo. Outro motivo para o desenvolvimento da moderna história oral no pós-guerra, mais precisamente na Universidade de Columbia, em Nova York, foi o interesse dos acadêmicos e da imprensa em fazer entrevistas com as pessoas vitimadas pela guerra ou membros das tropas que saíram para lutar fora do país. A universidade de Columbia junto ao jornal *The New York Times* e várias estações de rádios atuaram na difusão de cultura.

Nesse momento ganha espaço às histórias cotidianas, de homens comuns, “a história vista de baixo” como acentua De Certeau (1994). Então, diante desse contexto e da comoção social causada pelos relatos de vida, o professor Nevins preparou um acervo com vários arquivos, oficializando dessa forma o termo história de vida.

Professor da Universidade, Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo “história de vida” que passou a ser indicativo de uma nova postura diante da formulação e difusão das entrevistas. Isso se deu quando combinaram os avanços tecnológicos com a necessidade de se propor formas de captação de experiências vividas e surpreendidas no tempo real das pessoas. Os relatos combinados com a necessidade de registrar experiências gravadas e transmitidas por meios mecânicos facilitaram a democratização das informações e serviu de base para o sentido da história oral, que, então, para diferenciar-se de outras práticas de entrevistas, ganhou o adjetivo “moderna”. (MEIHY, 2007:103).

Conforme Meihy (2007) existem três tipos de história oral: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Vários pesquisadores referem-se à história oral de vida

como “autobiografia”, “relato de vida ou biográfico”. Entretanto, uma longa trajetória iniciada em 354 – 430 com o texto *Confissões* de Santo Agostinho, seguida por *A história de minhas calamidades* de Pedro Aberlado (1079 – 1142) registra a preocupação com a história de vida, com o cuidar de si. Todavia, apesar de registros tão antigos de textos com caráter biográfico, histórico - pessoal somente no século xx na Escola de Sociologia de Chicago, a história de vida foi incorporada ao meio acadêmico e nesse começou a ganhar respeitabilidade.

É notória a importância da história oral para uma pesquisa fundamentada em considerações de memória e identidade, visto ter a história oral forte relação com a memória e a história e, servir de mediação entre elas.

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais. (MEIHY, 2007: 62-63).

Quando se fala em memória, “[...] Lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais” (MEIHY, 2007), faz-se mister algumas considerações. A memória pode ser individual ou grupal, sendo que essa última ganha, dependendo do teórico, denominações como: coletiva, cultural ou social. Maurice Halbwachs prefere o termo coletivo e defende que a memória individual existe sempre a partir da memória coletiva, sendo apenas um ponto de vista desta.

Já Meihy advoga pelo o uso do termo cultural para se referir à memória do grupo como sendo mais adequado, visto que toda sociedade comporta uma significativa variedade cultural e considera os termos coletivo e social muito abrangentes. Todavia é necessário evidenciar que tanto a memória individual como a cultural são essenciais, pois,

Cada indivíduo é único, sua inscrição no coletivo se dá mediante decisões temáticas afins. Por outro lado, a experiência coletiva se manifesta nos indivíduos explicando sua relação com o mundo. É por isso que se diz que a história oral individual, além de social, é cultural. (MEIHY, 2007:81).

Portanto, os velhos do Lar dos Idosos ao lembrar trazem em seu discurso a memória da família, do grupo e da sociedade; os valores, as crenças e costumes, enfim, as práticas cotidianas que desnudam a sua história na história.

Esta “memória oral, longe da unilateralidade para qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vistas contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra sua maior riqueza”. (BOSI, 2003: 15).

2.3 Identidade e Pertencimento: o definido agora é mutável

As discussões sobre identidade são bem calorosas e o conceito muito complexo, isto porque na modernidade tardia surgem novas identidades que fragmentam o sujeito. Uma mudança estrutural no final do século XX está transformando a sociedade, mudando nossas identidades, estremecendo as idéias que temos enquanto sujeitos integrados. A idéia de identidade nasceu como acentua Bauman (2005:26) “da crise do pertencimento e do esforço que essa desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia – recriar a realidade à semelhança da idéia”.

Na sociedade moderna acontece a descentralização do sujeito. Stuart Hall (2006) apresenta alguns dos fatores que concorreram para essa ‘crise identitária’ na modernidade. Dentre esses fatores o autor aponta a globalização como sendo o causador de grande impacto na sociedade, tendo forte ressonância na identidade cultural.

O sujeito antes definido agora está tendo várias identidades, algumas vezes, contraditórias ou não resolvidas. O sujeito assume diferentes identidades em momentos diferentes. Assim é a sociedade pós-moderna, vivemos numa ‘aldeia global’ com papéis sociais flutuantes. O movimento feminista é também um dos fatores que provoca o descentramento do sujeito, ele politizou a identidade, a subjetividade. Assim, a partir do feminismo cada movimento reclama sua identidade. A identidade não é uma caracterização biológica, inerente ao indivíduo, é uma definição historicamente constituída. E essa identificação oscila em dois pólos diferenciadores, sendo que um oferece ao sujeito a possibilidade de escolha constante da identidade e o outro exclui o sujeito dessa possibilidade e estabelece o que ele pode ser.

Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se

ressentem, mas não tem permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005:44).

As pessoas que ocupam este último pólo, lugar inferior na hierarquia do poder constituem o que Bauman (2005) chama de 'subclasses' que significa 'ausência de identidade'. O sistema capitalista criou em longo prazo uma gama enorme de 'lixo humano', de pessoas excluídas. A exclusão é um dos maiores problemas gerados pelo capitalismo. Na lógica do autor, se você é mãe solteira, mendigo, sem escolaridade, você está destinado à subclasse. Talvez isso justifique o porquê de tantas discussões em torno da identidade, porque quem tem identidade têm direitos.

Por isso que os movimentos sociais, de classes reclamam uma identidade. E é nesse universo que a memória ganha respaldo, porque a memória, seja individual ou coletiva, está na base da formação de uma identidade. "É a identidade que dá qualidade à memória de um grupo, e é a memória que distingue sua identidade. Uma não existe sem a outra". (WEINRICH apud MEIHY, 2007: 165).

2.4 Velhice e cultura

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

A velhice dependendo da cultura pode ser concebida de diferentes maneiras. Existem culturas em que ser velho é sinal de sabedoria e outras que simboliza fardo. Na nossa, que é uma cultura capitalista, atualmente o termo velho¹ que no percurso histórico agregou sentidos negativos como a idéia de inutilidade, foi em vários discursos substituído pela palavra idoso, numa tentativa de amenizar os significados desvalorizantes atribuídos ao sujeito velho. Com relação ao uso do termo velho, visto a recomendação do Estatuto do Idoso ser o emprego do vocábulo idoso, concordamos com Zimmerman ao dizer que:

Depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido. Chamar alguém de velho, de meu velho, pode ser muito carinhoso e é esse carinho e respeito que eu quero que os velhos tenham. O que deve ser mudado não é a forma de se referir ao velho, mas sim a maneira de tratá-lo. (ZIMMERMAN, 2000: 10).

¹ Neste trabalho usamos o termo velho para designar pessoas a partir de 60 anos de idade, pois consideramos a palavra idoso como paliativo para dissimular o preconceito contra o velho em nossa sociedade. No entanto empregamos-a como sinônimo do termo velho em função da organização textual.

Não podemos perder de vista que a velhice é um conceito genérico e que além de ser uma etapa natural na vida do indivíduo é como acentua Bosi (1994) “uma categoria social”. Sendo assim, o perfil do idoso é definido no espaço - tempo das relações sociais. À medida que as mudanças históricas acontecem e as relações sociais mudam, os valores mudam e a relação do homem com a natureza e com o próprio homem também se resignificam.

Então, se a mola mestra do capitalismo é o lucro acumulado em pouco tempo e com baixo custo, o velho em meio ao processo natural da sua maturidade biológica, não consegue acompanhar os ditames de quem comanda a conjuntura social, ou seja, a ideologia capitalista, resta-lhe a desagregação da vida social, a margem do caminho, a periferia da sociedade, o esquecimento, pois “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização. A racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina da indústria os velhos operários” (BOSI, 1994:78). Esse processo de eliminação dos velhos também pode ser estendido às outras profissões, o velho na sociedade industrial capitalista vive um constante isolamento.

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhe parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes (BOSI, 1994:75).

O idoso é afastado da vida social e esse afastamento do sujeito - velho de sua posição nas relações sociais, impossibilita aos jovens e crianças a oportunidade de apreender a cultura a partir das experiências de vida desse indivíduo, que deixa de ser visto e tratado com respeito pelos mais jovens e se torna excluído de grande parte das relações sociais, um sujeito que ninguém quer ser, pois não tem espaço na sociedade, não tem identidade.

A sociedade arranca do velho o direito de falar, coisifica-o. “Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: ‘Seria preciso que ele tivesse sido tratado como homem.’” (BOSI, 1994:81).

A lógica é a seguinte, o homem passa a vida inteira sendo despersonalizado, coisificado e ao chegar à velhice, esgotada sua força física tão explorada durante toda trajetória, se vê sem perspectiva de vida, por isso dizer, reproduzindo a ideologia dominante,

“que não serve mais para nada”. Parafraseando Ecléa Bosi vemos que na velhice deveríamos ainda estar envolvidos em coisas que nos transcendem, que não envelhecem, que dão sentido aos gestos cotidianos, que realmente traz significado à vida.

Ser-se mais que velho, ser-se fonte de sabedoria, no entanto, o velho não tem armas nem tem forças para lutar por sua posição-sujeito, por seus direitos. É aqui que entra nossa ação, nós precisamos lutar por eles e esta luta não é vã. Lutando pelo velho, lutamos por nós mesmos. Primeiro porque ser velho é destino natural do homem, segundo porque dando ao velho o espaço na conjuntura social que lhe é de direito, assim como a qualquer cidadão, estamos garantindo nosso espaço futuro. A velhice não pode ser negada, precisa ser dignificada.

2.4.1 Desmistificando a idéia de velhice

O envelhecimento é um processo que implica alterações físicas, psicológicas e sociais. Essas alterações não acontecem num toque de mágica, na verdade começamos a envelhecer a partir do momento que nascemos. A cada dia envelhecemos um pouco, num processo natural e gradativo.

Do ponto vista físico, conforme Zimmerman (2000), as alterações provocadas pelo envelhecimento podem ser perceptíveis externamente e internamente. As modificações externas são, entre outras, o aparecimento de rugas, manchas escuras na pele, os olhos úmidos com maior frequência e dobramento da coluna vertebral; as internas geralmente têm ligação com os sentidos. O olfato, o paladar e a visão diminuem, os ossos atrofiam, aumenta a insônia e a fadiga, o metabolismo fica mais lento e a digestão é mais fácil.

Com relação aos aspectos sociais a autora argumenta que a mutação de valores, a tecnologia avançada, a adaptação a novos conceitos transforma o status do velho e sua relação com os demais, em virtude de: crise identitária provocada pela ausência de papel, de função social, o que prejudica sua auto – estima; a mudança de papéis na família, na sociedade e no trabalho; as perdas diversas que trafegam da autonomia a morte de parentes e amigos; a diminuição ou total rompimento das relações sociais em função da vida agitada, à distância e outras dificuldades em relações interpessoais, causadas pelo mundo globalizado e individualista; enfim, a aposentadoria, pois, com o aumento da longevidade aposentando-se ainda resta muito tempo de vida à maioria das pessoas, e o que fazer com esse tempo livre para evitar o isolamento e se aposentar? A aposentadoria desde a época do Instituto Nacional de Previdência Social - INPS tem carga negativa, pois o idoso quando não mais podia

trabalhar, era 'encostado' pelo INPS e ficava na dependência do Estado até o fim de seus dias. Veja que o termo encostado dá idéia de inutilidade, peso, fardo, e essa conotação é estendida ao significado de velhice.

Sabendo que o sentido é historicamente constituído, consideramos que há um fato histórico, um pensamento ideológico que autoriza este sentido à velhice: encosto, peso, inutilidade. Trata-se do fato de que na sociedade capitalista o valor do homem é o valor de sua produção. Aquela mercadoria que não está dando retorno positivo em pouco tempo deve ser substituída por uma nova. Essa é a lógica do processo ideológico do capitalismo e essa é também, a lógica da conotação negativa do termo velho. Cansado, fisicamente debilitado, produzindo menos o velho não serve mais para o sistema, deve ser substituído, deve ser encostado. Por isso, a resistência de muitos trabalhadores em aposentar-se, pois sair do mercado de trabalho, geralmente, significa apagamento social.

Somando as modificações físicas e sociais que ocorrem com o velho temos uma série de alterações psicológicas como dificuldade de adaptação a novos papéis, alterações psíquicas susceptíveis a tratamento, depressão e suicídios em decorrência da baixa auto-imagem e auto-estima.

Visto ocorrer, em nossa sociedade, um estranhamento com o sujeito velho, principalmente, em relação ao aspecto físico, isso se dar em virtude de uma concepção errônea sobre o envelhecimento, como se este fosse uma anomalia e não uma fase do desenvolvimento do ser humano.

Concernente às alterações típicas do envelhecer Zimmerman (2000) ao apresentar as principais modificações que o sujeito experiencia, adverte que os problemas psicológicos enfrentados pelo velho em nossa sociedade, como a depressão, a paranóia são os mais difíceis de superar.

Queremos deixar explícito que apesar de todas essas modificações e conseqüências do processo de envelhecimento, nem todas as pessoas da terceira idade apresentam traços depressivos e insatisfação com sua auto-imagem, pois, alterações físicas, psíquicas e sociais acontecem em todas as fases da vida. Evidenciamos isso para não parecer que só os velhos têm problemas. Até por que quem não conhece algum jovem chato, doente ou deprimido? Quem não conhece um idoso sorridente, animado com auto-estima? Como diz Zimmerman (2000:19):

(...) a maior parte das características do velho não são peculiares de uma faixa etária. Uma pessoa não passa a ter determinada personalidade porque

envelheceu, ela simplesmente mantém ou acentua características que já possuía antes. Via de regra, um velho chato e deprimido é um jovem chato e deprimido que envelheceu, assim como um velho alegre e otimista é um jovem alegre e otimista que se encontra em outra etapa da vida.

Um referente importante para a desmistificação do envelhecimento como fase terminal, fim de vida é a idéia de vida que temos. Viver significa fazer planos, pensar no futuro e isso o velho faz.

2.4.2 Legalizando o direito de ser velho

Acontecem em nossa sociedade algumas práticas culturais com valores depreciativos sobre o sujeito velho. Essas práticas causam forte impacto tanto na aceitação do idoso quanto na sua condição de velhice, como na projeção do jovem em relação ao seu próprio envelhecimento.

Existem na sociedade práticas abusivas e violentas contra os velhos em virtude de suas limitações. Muitas dessas violências ocorrem no seio familiar, são elas:

A falta de comunicação, o abandono e a superproteção, impedindo-o de fazer coisas para as quais tem condições plenas, a desqualificação de sua personalidade e experiência, a infantilização do velho, tratando-o como se fosse um bebê, e a negação de um espaço físico onde ele possa sentir-se seguro. (ZIMERMAN, 2000:46).

A família exerce bastante influência sobre o bem estar do idoso, pois o afastamento do convívio familiar, a rejeição, a dificuldade em integrar-se em outros ambientes de convivência são as principais causas de depressão na terceira idade. Os problemas com a aceitação e adaptação as necessidades da velhice por parte da família, levando-a a abandonar totalmente ou relativamente o velho em casas azilares², hoje chamadas de casas de longa permanência, contribui para o desenraizamento³ do sujeito velho, que passa a conviver, em geral, com o abandono da família e a adequação a um sistema homogêneo de funcionamento dos abrigos.

² O uso do termo asilar é uma forma de marcar a forma desagregada e excludente com a qual o velho é tratado. Conforme o minidicionário de Ruth Rocha (1996:58), asilo é 1. uma instituição que acolhe crianças, velhos, inválidos, etc. 2. Hospício para indigentes.(...) 4. Refúgio.

³ O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e conhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Simone weil, 1996: 347, citado por Bosi, 2003: 175.

Pesquisas mostram que, de início, as famílias que internam seus velhos em instituições visitam-nos em média três vezes por semana. Com o tempo, as visitas vão diminuindo e há casos em que chegam a ser uma a duas vezes por ano. (...) esse sentimento de abandono é um dos pontos que mais contribui para a depressão e os problemas de saúde em geral. (ZIMERMAN, 2000: 98).

É notório, considerando o que foi discutido até aqui sobre velhice, que está arraigado na cultura e na história, sendo-se mais preciso a partir da revolução industrial, práticas discursivas que depreciam o ser velho. Em vista disso, tornar-se evidente a necessidade de desmistificação do envelhecer. Essa desmistificação já vem acontecendo, entretanto, de forma ainda muito inibida. No Brasil, por exemplo, além dos vários movimentos que se preocupam com a terceira idade, temos o Estatuto do Idoso, o primeiro do mundo, um marco histórico que contribuiu e contribui para que os sujeitos que tanto doaram, que tantas experiências têm não fiquem silenciados, não sejam maltratados.

Estamos vivendo, na sociedade pós-moderna, uma crise identitária e vemos na configuração do idoso como sujeito ativo, na sua reinserção nas práticas sociais e discursivas um meio de a sociedade não perder sua história, não ficar sem memória.

O Estatuto do Idoso engajado numa prática que legaliza espaços de convivência social para o velho, garante, inclusive, que nas escolas o tema velhice seja trabalhado, o processo de envelhecer seja descortinado para as crianças e demais membros da sociedade, para que desmatando sua ignorância as pessoas tratem o idoso com mais respeito e percebam que rugas, passos lentos, corpo frágil, dificuldades de se adaptar a mudanças rápidas entre outras características físicas e psíquicas são naturais no processo de envelhecer.

Assim, quem sabe, veremos menos cenas de crianças assustadas quando vir um idoso, jovens menos ignorantes quando forem aconselhados por um velho. É uma questão de conhecimento, de cultura, de história. .

Sabemos que o discurso não é neutro, ele nasce como resposta a um discurso já existente, seja para negá-lo, confirmá-lo ou lhe acrescentar outros ditos. Como diz Orlandi (2006: 33) “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. O que é dito no Estatuto do Idoso sobre ser velho dialoga com outros dizeres da velhice numa relação opositiva ou afirmativa.

Antes do Estatuto o idoso vivia em total anonimato, abandono, pois mesmo havendo profissionais e grupos voluntários que se preocupavam com esse sujeito, a exclusão e o preconceito descabidos inibiam ou anulavam qualquer ação em pró dos velhos,

principalmente, se fosse de encontro aos interesses das famílias ou instituições nas quais os velhos tivessem internos, visto considerá-los uma propriedade e não um ser humano. Agora regulamentado por lei, a dignidade, o espaço e as singularidades desse sujeito ganham pauta no discurso e podem ser reclamadas.

A Lei chama a atenção da sociedade para a importância do idoso, propõe o contato desse com as novas gerações, ou seja, o Estatuto colabora para a resignificação da identidade do velho na sociedade moderna, dá a ele o direito de participar de ações cívicas ou culturais, de praticar esportes, de ter acesso à educação, de trabalhar, fazer concursos públicos, enfim, o Estatuto está em harmonia com o ideal de sujeito ativo presente no discurso sobre o envelhecimento. Neste, o ajustamento dos velhos no convívio social é contínuo.

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas como se desnecessárias. Essa força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento. (BOSI, 2003:74-75).

O Estatuto do Idoso indicia uma nova identidade do velho na sociedade moderna, abre uma nova página para aqueles que carregam consigo o tesouro da memória, da história, da cultura. O que seria o homem sem a memória? O que seria o homem sem a cultura? O que seria o homem sem a história? O que seria o homem sem o conhecimento? A resposta é simples: não seria homem. O presente é quem significa o passado. Sem história, sem memória a humanidade não teria sentido.

É, pois, mudando as práticas discursivas sobre velhice, disseminando uma nova ideologia e percebendo que a velhice, assim como toda etapa da vida, tem suas peculiaridades e é comum ao ser humano, que podemos consolidar uma nova verdade sobre ser velho na sociedade moderna, velho não é sinônimo de fim de vida é uma etapa especial desta.

Temos na sociedade uma dialética entre o discurso que aponta o velho como inutilidade e o velho como sujeito ativo. Este último é o discurso veiculado pelo Estatuto do Idoso, movimentos voluntários, projetos de pesquisas e extensão universitária que se opõe aos dizeres negativos sobre o envelhecimento, reconhece o velho como um cidadão de direito e lhe oferece espaço na sociedade e pauta no discurso.

3 SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DOS VELHOS

As bases teóricas e metodológicas da Análise de Discurso de orientação francesa oferecem-nos a possibilidade para a leitura que faremos subsequente, a partir do pressuposto de que o velho, pela narrativa de suas lembranças, do discurso sobre si mesmo, enquanto sujeitos, estão inseridos no curso da história e tem, portanto, em seu discurso, marcas ideológicas, culturais, sociais e históricas que presentificam os papéis desempenhados e os lugares ocupados por este sujeito ao longo de sua trajetória.

Dessa forma é perceptível, nas narrativas dos velhos, a insatisfação com a posição social e a identidade que a cultura capitalista os delega. Então, numa tentativa de transpor os limites impostos e ocupar novos papéis, o velho busca incorporar em seu discurso signos que lhe ofereçam o status de atual, visto que muitos signos do universo discursivo de sua juventude, por falta de uso corrente, ganham idéia de ultrapassado, a mesma idéia que rotula o sujeito velho em nossa sociedade. No processo enunciativo, como locutores, os velhos no narrar de suas lembranças entregam-se totalmente ao rememorar, e percebem-se, pelo discurso mnemônico, como sujeitos do discurso e modulam sua fala num jogo interdiscursivo.

Como analistas de discurso é tarefa nossa teorizar, descrever e analisar o funcionamento discursivo. Então, por se tratar de uma documentação oral, optamos por transcrever, na medida do possível, os traços típicos da oralidade na busca de uma aproximação da real fala dos personagens entrevistados. Sendo assim, o leitor se deparará com escritas de palavras inacabadas ou em dissonância com a “ortografia oficial”. Essas ocorrências são propositais e estão dentro do nosso objetivo de diminuição do paradoxo: oralidade/escrita. Claro que não é possível, na escrita, contemplar a riqueza gestual, emotiva e situacional característicos da oralidade. Todavia, além dos traços fônicos usados no momento de converter as narrativas, utilizamos também, alguns sinais convencionais de pontuação gráfica sugeridos por Castilho e Preti (1986), citados em Fávero (2002).

Convenções de transcrição:

(...): pausa pequena;

(+): pausa longa;

[]: sobreposição de vozes;

(/): interrupção ou corte brusco da fala;

(- -): silabação;

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

MAIÚSCULAS: alteração da voz, com efeito, de ênfase;

(xxx): fala incompreensível;

Trechos em negrito: ênfase do autor a termos usados na análise e transcrição do discurso direto do narrador.

3.1 O Cenário da pesquisa: o Lar dos Idosos



FOTO 1: Lar dos Idosos – cenário da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

O Lar dos Idosos fica localizado às margens do Açude Grande de Cajazeiras, na Rua Engenheiro Flávio Marques de Medeiros, no Conjunto Fátima Santos, esse conjunto chamava-se, inicialmente, Conjunto Jardim Verde, mas recentemente teve o seu nome mudado para Conjunto Fátima Santos, em homenagem à fundadora do Lar dos Idosos. Assim como o Açude é berço da História e lugar de memória da cidade de Cajazeiras, o Lar dos Idosos é o berço desse trabalho e um lugar onde a vida é narrada com sabedoria e experiência.

Essa instituição de longa permanência foi fundada por Maria de Fátima Santos de Oliveira. Enfermeira e espírita, Fátima idealizou a criação do Lar a partir da certeza de que

essa era a sua missão aqui na Terra. Primeiro ela fundou em quatro de maio de 1988 o grupo Reencontro (que significa, conforme a doutrina Espírita, reencarnação). Depois com a colaboração do grupo construiu o abrigo que foi inaugurado em 16 de maio de 1995. A casa teve como primeira moradora a senhora Maria de Sousa.

Fátima queria construir uma casa que comportasse em torno de 11 idosos e agregar a sua missão pessoas simpatizantes pelo trabalho com velhos. Ela cumpriu sua missão e esteve sob a coordenação da casa por seis anos, até o término de sua passagem no plano terrestre. Hoje, o Lar está sob a coordenação da professora Glória, que desde o início da casa havia se integrado a missão, e abriga 18 idosos.

Esse é o cenário de nosso trabalho. Vamos, então, conhecer nossos colaboradores e seus respectivos discursos. As narrativas completas dos velhos estão em anexo nesse trabalho.

As lembranças dos velhos foram organizadas em segmentos para melhor contemplamos o objeto em sua totalidade e oferecer uma identificação mais rápida das falas que ilustrarão a análise dos discursos.

Esses serão analisados destacando a concepção de juventude segundo a ótica do idoso; a relação que eles mantinham com a família antes de irem para o abrigo; a caracterização relacional dos narradores com o trabalho, os amigos e a comunidade; a caracterização da entrada no Lar dos Idosos; a concepção de velhice, segundo os velhos; enfim, os entraves, os desgastes e esperanças vivenciadas pelos narradores.

A escolha dos narradores foi feita levando em consideração a disponibilidade e de certo modo suas práticas dentro do abrigo, observadas durante a pesquisa, nas várias visitas e conversas tidas com os velhos. Ouvimos quatro idosos e selecionamos dois, um homem e uma mulher. Além das narrativas mais longas, atentamos ao fato de serem esses dois velhos os sujeitos que efetuam maiores práticas de resistência dentro da instituição.

3.2 O discurso de Dona Maria

Maria Carlos Morais de Lima nasceu em 10 de agosto de 1938. Tem 70 anos de idade e já mora a um bom tempo no Lar dos Idosos. Antes de iniciarmos a entrevista, Dona Maria disse que a conversa com a entrevistadora seria uma forma de desabafo.

No discurso de Dona Maria a memória do trabalho opera significativamente na constituição de sua identidade. Mulher, pobre e analfabeta, dona Maria vê no seu trabalho como cozinheira e atendente de hotel competente a marca que a diferencia de outrem.

EU TRABALHEI MUITO IM HOLTEL, BICHINHA, num tinha tempo de fofocá e durmia carne temperada, era um fugão a gás e um de cauvão, no fugão de caivão já durmia o feijão de môi na panela im riba do fugão, a batata pra verdura dento d'água im riba, a batata doce, eu deixava tudu arrumado. ERA MINHA FIA. EU SOZINHA, NUM QUIRIA CUNVESA CUM NIGUÉM, eu deixava tudu prontu. (segmento 3).

Ao rememorar dona Maria explicita valores culturais e religiosos de sua época ao dizer que: “Aí eu conversei cum o padre tudim, qui mãe fez essa prumessa e eu quiria pagar, aí ele disse: eu num conversei você porque tá cum roupa sem manga. Lá ninguém usa roupa sem manga, é roupa bem comportada, im Patu, senão, não entra na igreja” (segmento 8).

Aliás, no que se refere à religiosidade, a locutora explicita forte internalização ideológica. E produz em sua narrativa um paradoxo: religioso versus profano. Que usa como pano de fundo para evidenciar sua conduta moral. Visto ter tido em sua vida, trabalhado em uma casa de prostituição o que, conscientemente, sabe a locutora, ser motivo de desaprovação social.

E era hotel só de mulhé. Ele dizia: VOCÊS RESPEITE MARIA. Eu cozinhava, Socorro morava bem pertim, tinha família qui morava bem pertim, mais elas respeitava. Erismar, mocinha nova, ia fazer as unhas delas, lá nu prédio. Mas elas respeitava, né? O programa delas pro fora e eu nem sabia. Os camioneiro trazia isposa, fi e cumiam lá. Eu num recebi um convite pra ir morar im São Paulu. (risos) foi. A mulhé ficou doida pra me levar (...) eu num vivia brincando cum ninguém, nem fofocanu. Chegasse um camioneiro eu ia lá fora na calçada perguntar o que ele quiria. Ele perguntava o qui saia pro lanche. Eu fazia comecial, tudu separaduzim. O cumer dos camioneiro (...) num distampava nem a panela pra olhá e tinha o churrasqueiro também. (+) MINHA VIDA NUM FOI FÁCIL NÃO.(segmento 4)

A locutora no início de seu discurso faz menção a pessoas que eram do seu convívio por quem cativa forte afeto. Sobre a família biológica fala muito pouco, apenas explicita algumas lembranças do convívio com a mãe e a morte de dois irmãos. “Quando andava mais mãe, aí o pessual perguntava: são irmã? Não, aí eu disse: não, eu sou a mãe dela (risos)”. As referências de Dona Maria sobre a relação com a família são inscritas mais no início da juventude.

(+) dez irmão. DOIS MAIS NOVO DO QUI EU MORRERU DE ACIDENTE, um (...), eu trabalhava im Mossoró, eu tava lá im cima na roda giganti, quase dismaiava e caia lá di cima. Quandu eu sobi qui o mininu tinha murrido de pescoço quebrado. Mais vei tinha cincü ano. Não mora nem um aqui não. (segmento 7)

A narradora saiu muito cedo de casa para trabalhar e pelo que é percebido em seu falar as relações familiares foram sendo enfraquecidas, o que certamente contribuiu para a

referência ao fato de ser sozinha, pois em vários momentos do seu discurso afirma com ênfase essa solidão. “NÃO TENHO LETRA, NÃO TENHO NADA, NÃO TINHA DOCUMENTU”. (segmento 5)



FOTO 2: Dona Maria – colaboradora da pesquisa

É forte, em seu discurso, a auto-identificação que faz de si como trabalhadora e “direita”. Deixa clara a relação patrão x empregado. E se inscreve, portanto, numa ordem discursiva de poder - poder.

Eu lembro qui o primeiro colégio que eu entrei foi aquele do Xamegão, pra fazer faxina. Neuma foi me buscar, eu trabalhava na casa da mãe dela, eu tava almoçanu. Neuma era diretora, foi feita uma reforma no colégio, aí Neuma foi buscar eu na casa da mãe dela. Aí Neuma, ah, eu tenho um braço forte lá im casa, vou trazê agora. Neuma num me butou pra lavar um carro, qui eu disse que **nunca na minha vida tinha um sirviço qui eu não fizesse**. Aí ela saiu de casa deixou eu pra lavar o carro dela. Eu disse Neuma era melhor qui você tivesse me dado uma vassoura pra eu varrer a rua (risos) era mais fácil do que eu lavá um carro, a mãe dela achava graça e ela soltou a gaitada. Eu nunca tinha lavado, mais eu lavei. (/) eu só não gostava de foice, agora, machado eu derrubava qualquer um vivo. (segmento 6).

Assumindo a posição de autora do discurso e levando em consideração seu interlocutor, a entrevistada, no segmento oito, mostra conhecimento da sabedoria e crenças populares fazendo alusão à mistificação religiosa de dois santos conhecidos da cultura nordestina: Santa Rita e São Francisco de Assis. Ao relatar a história de Santa Rita revela traços da cultura local em que nasceu e sua influência nas práticas cotidianas. É a memória individual atravessada pela memória coletiva.

[...] a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI: 2003).

Tendo passado a vida inteira trabalhando em hotéis, a locutora destaca bastante sua relação à amizade com os caminheiros a quem atendia. E a relação com crianças. Em seu discurso o afeto e contato com crianças constituem parte fundamental do círculo de amizade e também pelo que é subjacente em seu discurso, essa referência a criança revela o desejo de ter filhos. “eu criei o mininu dela, ele ficava nus meus pés, me chamava de mamãe” (segmento 5). A referência ao contato com as crianças nessa perspectiva materna é vista, também, no segmento dois.

Na relação com a vizinhança, a locutora tramita em extremos, ou é totalmente harmônica ou é totalmente tumultuada. Primeiro ela faz alusão a um vizinho “maconheiro” com quem não consegue se dar bem.

“O cão quando num vem manda o secretário. O maconheiro morava de frente a eu... ai eu num abri a porta pá olhar não, no outro dia, eu também num durmi não, tava fazendo um café. Ai gritarum, E ESSA TEJA? Ai ele disse, eu tirei pra fazer o mal, se ela achar ruim, eu dou nela também. (segmento 2).

Em seguida refere-se a uma família com quem teve total harmonia na convivência. “ai ela disse si eu num tivesse devendo eu ia comprar essa casa pra senhora num saí nunca de perto de mim, só porque a senhora dar assistência a minha vó e minha filha.” (segmento 2).

A narradora, no processo de desagregação familiar sofrida no início de sua juventude, canaliza a idéia de pertencimento a uma família com quem teve muitos anos de vizinhança. Os membros dessa família constituem, em sua narrativa, os personagens com quem Dona Maria teve maior convivência na época de juventude e pré- abrigada. É essa a família que, às vezes, a visita e a quem a narradora faz referência com intimidade e satisfação.

Aquela Erismar, eu gosto daquela minina, desde dela assim. Eu trabalhava no hotel e durmia lá na casa dela. Num tem o que trabaia na praça? Eu durmia na sala mais ele, ai Deuzimar disse que eu só gostava de andar de moto mais ele, porque andava agarrada no pescoço, e num precisava não, qui eu já durmia cum ele na sala (risos). Ai Erismar ficou assim. Eu digo É SOCORRO, Erismar. Socorro morava lá no Monte Alegre, você era piquena, ai eu ia durmi, Marcus trabalhava no hotel, eu durmia na casa de Socorro, durmia na sala mais, mais o Leomar qui eu butei o nome de do Negão, eu não, são repetidor qui só, herança do pai dele, qui o pai dele bibia e

tudo, morreu do jeito qui morreu, mais ele respeitava todo mundu, viu. (segmento 1).

Ao se referir a sua nova moradia, o Lar dos Idosos, Dona Maria demonstra certa resistência em aceitar as mudanças da nova situação. Ao falar sobre sua vinda atribui o fato a uma questão espiritual.

Você sabi ali onde eu morava. Pois é. Essa perna num tem mais nervo. Socorro e Elza trabaianu e eu lava pratu, roupa cum mininu no braço, num tem quem aguenti, né. Aí dona Fátima disse: VÁ PRO ABRIGO. EU CUNHICI QUI A VOZ ERA ELA, EU SABIA QUI ERA ELA. SÓ UVI A VOZ... VÁ PRU OBRIGO. Aí eu mandei o recado pra Socorro, Erismar. Pois é. Eu num vim acusta de político. (segmento 10).

No entanto, ao conversarmos com a coordenadora da casa, tomamos conhecimento que a vinda dela para o abrigo, assim como a vinda de a maioria dos idosos, é motivada por um quadro de abandono, maltratos e solidão. No caso de nossa entrevistada, a solidão foi à grande motivadora, pois, não tendo família e encontrando-se com problemas de saúde que requerem atenção e cuidado, não havia mais possibilidade de morar sozinha.

Dona Maria, em sua narrativa, marca ações que desnudam a insatisfação desse sujeito em está na casa, em ter que se enquadrar numa rotina homogênea. Não aceita que lavem sua roupa, não coloca a roupa na cômoda, não permite que ninguém lhe auxilie ao andar: “Você num viu tem a malinha. EU NUM BOTO MINHAS COISA NASQUELA GAVETA, NÃO”. (segmento 10).

Ainda em relação à entrada no Lar, a locutora registra em seu discurso o desagrado com uma de suas companheiras de quarto.

(...) Mulé, hoje eu já soltei um bucadu de venenu, pur causa dessa qui chegou pru derradeiro. Ela valenti qué dá ordi neu, qué dá ordi im todou mundu, (...) né pra dizer nada cum ela, o povu da casa gosta dela, num é pra dizer nada cum ela. Ela dormi no quarto cumigo. (segmento 10).

Desde que chegou ao Lar, Dona Maria evita participar de algumas atividades desenvolvidas por grupos que visitam a casa e mantém certo distanciamento dos demais abrigados, é perfeccionista e não aceita ajuda. Manifesta como traço subjetivo a individualidade que já tinha na juventude, pois sempre resolveu tudo sozinha. “Num gostava de nada mal feito. Tudou meu era feito na hora, arroz brancu, arroz refogade”. (segmento 7).

Os traços da cultura nordestina são mais uma vez elucidados nas lembranças da narradora, quando faz referência ao fato de ter sido curado “dos nervos” por um rezador. “É, antigamente, e eu era atacada dos nervo, aí qualquer situação eu caia. eu me tratei dos meus nervo im Mossoró. foi um curador qui curou. Agora podi cair essi prédiu aí atrás qui eu nem ligo. Eu ficu só olhano”. (segmento 9)

Dona Maria marca a sua identidade tentando manter algumas das práticas da mocidade, sua independência. O que significa, também, uma prática que rejeita à condição de velhice nos ditames de nossa cultura. No plano de expressão do discurso da narradora a relação com o trabalho como marca dignificadora desse sujeito é uma constante, que nos possibilita no plano de conteúdo a percepção de uma idéia de velhice em que a lembrança do vivido não ficou para trás, mas constitui base para nessa nova etapa da vida em que muitas práticas culturais renegam-lhe espaço, reivindicar um lugar ao sol, reconhecendo-se como sujeito ativo, que sempre trabalhou e que quer respeito a suas particularidades.

Aí eu trabalhava no hotel e a roupa miúda a rente lavava im casa, eu e a dona do hotel, porque quando tava pouco movimentu no hotel, só nois duas, ela era do bar e eu da cuzinha e do salão. Seis mesa eu atendia, só eu e Deus, agora, do cumer, a sobrimesa, a água e o café, as vez era quatro, cinco mesas e nois quando tinha vaga lavava a roupa miúda no banheiro, e a outra nu açude, lá no Monte Alegre. (segmento 3).

Como sujeito que se acha dono do seu discurso, a narradora, na última parte da entrevista quando fala do abrigo, de posse do discurso resolve finalizá-lo. Todavia, a extensão significativa de suas palavras escapa ao seu controle e o silêncio ganha muita significação. “Vamu Pará pur aqui. Tá bom”. (segmento 10)

3.2 O discurso de seu Joel

Seu Severino Joel de Araujo nasceu em 05 de novembro de 1933. Tem 76 anos de idade. Foi motorista de um cabo do exército no Rio de Janeiro. Casou com Cariza de Albuquerque, teve três filhos e era, até ir morar no Lar, dependente de álcool. Sua ida para o abrigo foi pelo fato de morar só, ser alcoólatra e ter sido encontrado doente. Não tendo quem o cuidasse.

A narrativa de seu Joel é dividida em dois blocos temáticos: a memória do trabalho e a memória individual. No que se refere ao trabalho conta com ênfase a experiência como membro do exército. Quanto à memória individual a vida de homem e algumas das

significações, espaços e liberdade que esse termo representa, são presentificados desde o início de seu discurso: “Fui pru’ma festa na Picada na casa de Joaquim de Mizaé. (xxx). Naquela festa revolve na cintura, um trita e cinco, uma faca de gipuíá”. (segmento 1).

Como homem, o locutor assume o discurso machista. Dá grande ênfase a vida sexual e afirma com entusiasmo que é farrista. Esses comportamentos citados pelo locutor explicitam a cultura da época. A liberdade dispensada à figura masculina em detrimento a feminina:

Eu brinco carnaval todú ano. Brinco carnaval no Ri de Janero. Cum peruca, cabelo longo, eu de saia e sutiã. (xxx) um cabo da polícia sivil e outo do exército. Lá no Ri de Janeiro. Ele todo fardado. Aqui, assim. Vamu tirá as minina pra dançar. Eu puxo do pé isquerdo aqui, o direito ali (segmento 2).

Assim como em sua caracterização, sempre de coturno e roupas que lembram a polícia, seu Joel em seu discurso assume a identidade de cabo do exército aposentado. Misturando passado e fantasia. E evidencia o fato de saber ler, o que conscientemente, sabe o locutor, ser motivo de prestígio. “Eu num passei pra pára-quedaista pur causa da altura. EU QUIRIA POUSÁ DE AVIÃO AQUI. SIRVI O EXÉRCITO. NUM TINHA RICURSO. MAIS SABIA LER, ESCREVER E ESTUDAVA DE NOITE” (segmento 1).

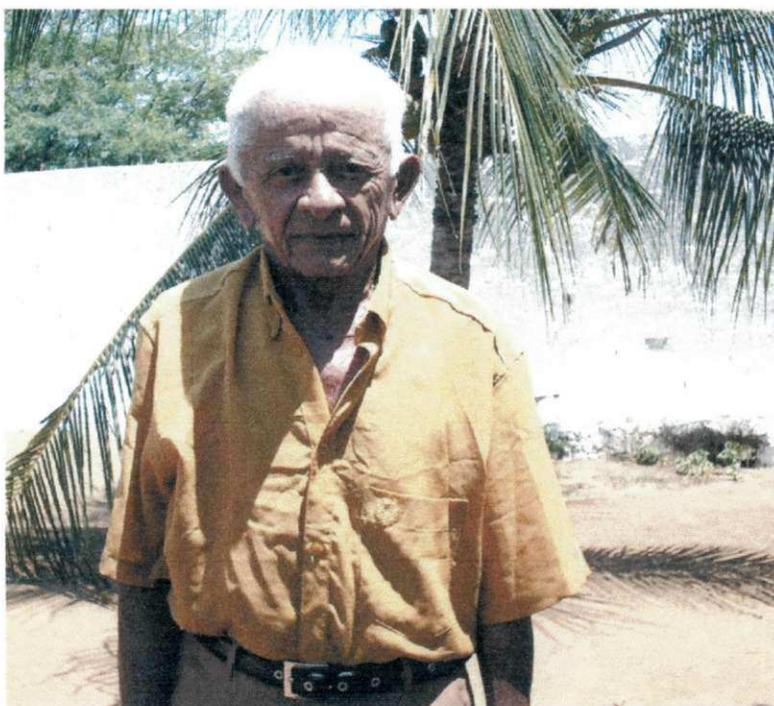


FOTO 3: Seu Joel – colaborador da pesquisa

Considerando que no terreno da memória trafegam o real e o fantástico, no processo de relembrar, Seu Joel mistura, em seu discurso, fantasia e realidade vendo na figura da

coordenadora do abrigo a futura esposa, afirmando com veemência que a namora, e em sua fala chega a referi-la como Cariza, nome da esposa, que segundo ele já faleceu.

Eu vô casar cum você. Agora se você dé bobeira.(...) Aí fui lá no banco tirar o dinheiro. (/) Ela é de vinte e quato e eu sou de trinta e três. Nove ano de diferença, nove não. Vinte e quato pra trinta e três. Onze ano de diferença. Cariza, Cariza não, Glória. Cariza era outa. (segmento 4).

Como locutor, o entrevistado traduz em seu discurso ditos populares, como: “ O HOMI QUI FAZ A MULHER E A MULHER É QUI FAZ O HOMI” (segmento 1). Pontuando, dessa forma, que a matéria da consciência é conforme Bakhtin (2006), exterior e, portanto, sócio-ideológica.

Quanto à relação com o trabalho o locutor enfatiza que nessa matéria toda a sua família é referência, ao dizer: “Na minha família era cinco homi e cinco muié disposto, tudo trabalhador, dispostos”. (segmento 1).

Ao falar de si, o locutor reconhece-se como sujeito enquadrado na sociedade, dentro das regras e com comportamento exemplar. Essas características entoadas no discurso desse sujeito são resultado de iternalizações ideológicas experienciadas na vida militar, pois segundo ele, foi cabo do exército. “MEU COMPORTAMENTO É BOM, ÓTIMO. OS DOIS. NÃO É EXCEPCIONAL PURQUÊ NÃO TEM O CÓDIGO. NÃO TENHO NADA, NADA, NADA. FICHA LIMPA. SÓ ANDO SOZINHO. (segmento 5).

Seu Joel faz referência à relação com os filhos e dissemina pelo seu discurso características culturais do sujeito pai e seu papel social como conselheiro.

Ela só tem um fi. EU DIGO: NUM QUERA MUITO FI, IVITI. Até dois mês si tomá coca-cola im gijum, natural e provoca... PODE EVITÁ. PRA QUE MUITO FI? ... Eu fui visitá agora nesse ano passado. Mais tá viciada. Tá cum cocaína maconha. (/) ô Lídia. O qui foi? O qui Foi? Ô LÍDIA, QUEM TI VIU, QUEM TI VÊ. Ô MINHA FIA. TU TÁ AINDA CUM ESSE CABRA? Agora ela bate nele. É, ela é valente. Tem um gênio. O nome dela é Lídia Albuquerque de Araujo. (segmento 2).

Quando fala sobre o Lar dos Idosos, o locutor explicita em sua narrativa as práticas de resistência, que possibilitam ao sujeito reclamar sua identidade. Namorador e farrista, seu Joel deixa claro que apesar de gostar do abrigo, esse não oferece espaço para namorar. É perceptível que a recorrência constante ao namoro, casamento, figura como uma forma de resistir a certos preconceitos sociais sofridos pelo velho, quando o assunto é vida afetiva, pois no imaginário popular, o velho não tem mais direito a “essas coisas”. Essa recorrência

também reforça a idéia defendida por Zimmerman (2000) de que o sujeito ao envelhecer aprimora algumas das características que lhes são peculiares. Então, o estereótipo de que velho é “enxerido” que pode ser aplicado ao discurso de seu Joel é, nesse instante, desfeito.

A mulhé tem qui aprendê dançar. EU PRETENDO CASAR, QUÉ ISSO. EU SEI OS CÓIDOS MALICIOSU E USO UM POUCO DA PSICOLOGIA. PISCA ESSE, DEPOIS ESSE E FAZ ASSIM. (gesticula passando a língua sob os lábios). Aprendi cum a psicóloga. (segmento 4).

O locutor, como sujeito histórico manifesta a não aceitação da condição de velhice por dois prismas: primeiro pela repetição e reafirmação de que vai casar, pois, casamento em nossa cultura é uma prática destinada naturalmente aos jovens; segundo pelas tentativas de fuga, pois, o locutor como sujeito histórico sabe que morar em um abrigo marca desagregação social e ele não quer se enquadrar nesse espaço. Portanto, reivindica outra identidade, quer ser o homem casado, honesto, pai de família e trabalhador que fora em outros momentos de sua vida. “EU JÁ FUGI DAQUI DUAS VEZ. EU NUM SOU PRISIONEIRO. AQUI PRA MIM PARECE UMA PRISÃO. É O LAR DOS IDOSU, TÁ ALI ISCRITO”. (segmento 3).

O locutor se mostra como sujeito do saber e pontua sua diferença em relação aos outros abrigados que não são letrados. Evidenciando o conhecimento de lei, possivelmente adquirido quando uma de suas posições sociais era a de cabo do exército.

Joel num confia. NUM TEM MOTIVO. E a camisa qu'ele robô? Vô na delegacia falar cum delegado. Peça de roupa é furto. EU SEI QUI EU JÁ FUI CABO DE EXERCI. É FURTO TÁ NO CODE VINTE E NOVE. (segmento 5).

Seu Joel ao contrário do que sua imagem física possa transparecer é um sujeito que não se reconhece como um velho inútil e em fim de vida. Ele tem auto-estima, e idealiza seu futuro. A velhice para esse narrador, conforme figura no plano de conteúdo do seu discurso, é normal como qualquer outro momento da vida. Então, numa tentativa de mudar de papel social, de ter mais espaços, o locutor no fim de sua narrativa reforça a idéia de casamento e o desejo de sair do abrigo e ter novamente seu lugar de outrora. “EU QUERO CASÁ. NÃO QUERO FICAR NISSO AQUI, NÃO. Aqui num tem graça não”. (segmento 5).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo viés da Análise de discurso observamos que no discurso de velhos há manifestação e diálogo com outros discursos anteriores sobre a velhice ligados a questões históricas e culturais. Essas questões tramitam entre diversos espaços, como o familiar e o trabalho, que formam a base da constituição de sua identidade e do(s) sentido(s) atribuídos à velhice.

Na inter-relação entre discurso, história e memória de velhos pôde se perceber que o discurso desses sujeitos sobre si mesmo, apesar da aparente individualidade, é um espaço onde disputam vários outros discursos num confronto ideológico. Como assegura Bakhtin (2006:123) “a ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixa num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gesto e cada um dos nossos estados de consciência”.

O velho ao narrar sua história seleciona através da memória aquilo que marcou mais intensamente e que, portanto, é marca identificatória de sua personalidade e de sua identidade. Assim, nas práticas cotidianas no abrigo, o velho usa de sua experiência e modo de vida pré-abrigado para na homogeneidade de funcionamento da casa e no processo de desenraizamento sofrido, definir as fronteiras de sua subjetividade.

Ao passo que escutamos, descrevemos e analisamos as narrativas dos velhos, percebemos que o sujeito não envelhece. Apesar das limitações próprias decorrentes do envelhecimento orgânico, o velho continua na busca de significação e sentido para vida recorrendo ao passado que recorda ora saudosamente ora admirado e orgulhoso de ter sido o que foi.

Partindo do pressuposto de que o discurso não é inocente, não é neutro, vemos nas lembranças dos velhos a manifestação de valores culturais e ideológicos que relutam cotidianamente a perpetuação. Pois, a vida dos valores ideológicos e culturais depende de sua inserção constante na prática cotidiana. É o cotidiano que alimenta a ideologia.

Os sistemas ideológicos constituídos amoral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não submetidas a uma avaliação crítica viva. (BAKHTIN, 2006:123)

Então, frente ao quadro de envelhecimento na sociedade moderna e consciente de que as práticas discursivas são decorrentes de práticas cotidianas e que estas se configuram em práticas ideológicas, torna-se visível a positividade veiculante como que a temática da velhice é tratada.

Faz-se necessário uma mudança de olhar, por conseguinte, de prática discursiva sobre ser velho. E essa prática vem ganhando espaço. Temos o Estatuto do Idoso que legaliza a velhice como direito do cidadão, como fase da vida, como assunto de respeito e peculiaridades. O que, levando em consideração que uma enunciação, de acordo com Bakhtin, é apenas uma parte de uma corrente ininterrupta, e que um discurso está sempre em relação dialógica e interdiscursiva com outros dizeres afirmando-os, refutando-os ou acrescentando-os. O discurso do Estatuto, assim como, outros discursos ao darem conotação positiva e natural ao envelhecimento opõe-se a dizeres que negam essa visão.

Nas lembranças de velhos sobre si mesmo vemos todos esses discursos num embate ideológico. Ao querer continuar suas práticas da juventude, ao querer voltar para o lugar de onde saíram ou casar, o velho explicita o desejo de viver, o desejo de escolha, reclama uma identidade, prima por sua subjetividade, clama pelo direito à vida que a ideologia capitalista lhe nega.

Como estamos vivendo numa sociedade pós-moderna em que os papéis sociais são flutuantes, em que se discute uma crise de identidade. Vemos nas práticas discursivas atuais sobre o envelhecimento um processo de resignificação da identidade do velho e dos sentidos da velhice, pois o crescente número da população idosa sinalizou a necessidade de se ver o velho de outra maneira, de enquadrá-lo na sociedade.

A sociedade precisa despertar para o fato de que a velhice biológica, orgânica não anula do sujeito a subjetividade, a identidade. Como afirma Sousa (2003: 9) “nas lembranças de velhos nada morre, nem as gentes, nem as coisas. A mudança, própria da natureza humana, fica fora alma.”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Severino Joel de. **Entrevista** concedida a Francisca Alves da Silva, Cajazeiras, 15 de agosto de 2008.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (trad) Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOSI, Ecléa **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHAL, Juliana pinto. **Maurice Halbwachs e a Questão da Memória**. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalho.htm>.

NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia de Souza; CRUZ, Lorena Adami da. Discurso, identidade e representação social do idoso. **Estudos Lingüísticos XXXVI(3)**, setembro-dezembro, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Esphraim Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 1-129.

ESTATUTO DO IDOSO. Brasil. Lei Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003. Brasília, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes, et.al. **Oralidade e escrita**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. (trad) Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FURLANETTO, Maria Marta. **Análise do Discurso: como a teoria situa a prática**. Disponível em http://br.com/agalha_7031/ad_ensino.html.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. (trad) Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, [s.d.].

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: O Discurso nas Tramas da História. In: FERNANDES, Cleudemar Alves, SANTOS, João Bosco Cabral dos.(orgs). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 3. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Maria Carlos de. **Entrevista** concedida a Francisca Alves da Silva. Cajazeiras, 10 de Agosto de 2008.

MATOS, Patrick Ribeiro Mendes Alves. Ser-se mais que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. **VIII congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

MEIRY, Jose Carlos Sebe Bom. **Historia oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de Historia Oral**. 5. ed. Editora Loyola [s.d], p. 61-88.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni pulcinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.

REVEL, Judith. Foucault. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. (trad) Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOUZA, Pedro. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. **Linguagem em (Dis)curso**. Subjetividade. Santa Catarina, nº 3, p 37-54, 2003.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANEXOS

A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As lembranças de Dona Maria

1. Meu nome é Maria Carlos Morais Lima. Lima qué o sobrinome do (+) (referia-se ao marido) hum rum, entendeu? Pois pronto. Né todos **que** eu conquisto não, mais você eu gostei (...) foi desde daquele dia que vi você fazendo fuá mais Deuzimá, (risos) que ali, ali é de corrê asa. (- - -) Aquela Erismar, eu gosto daquela minina, desde dela assim. Eu trabalhava no hotel e durmia lá na casa dela. Num tem o que trabaia na praça? Eu durmia na sala mais ele, ai Deuzimar disse que eu só gostava de andar de moto mais ele, porque andava agarrada no pescoço, e num precisava não, qui eu já durmia cum ele na sala (risos). Ai Erismar ficou assim. Eu digo É SOCORRO, Erismar. Socorro morava lá no Monte Alegre, você era piquena, ai eu ia durmi, Marcus trabalhava no hotel, eu durmia na casa de Socorro, durmia na sala mais, mais o Leomar qui eu butei o nome de do Negão. **Eu não, são repeitador qui só, herança do pai dele**, qui o pai dele bibia e tudo, morreu do jeito qui morreu, mais ele respeitava todo mundu, viu.
2. Eu morei no Por do Sol, Mila qui tinha vergonha de dizer qui era o Por do Sol, aculá era o começo do Por do sol e o fim era aqui. Morei no Por do Sol em duas casa, uma cum quartu, dois vãozinho, foi Neide irmã de Neuma Abreu, qui eu morei com ela, ela deixou pra Neuma comprar pra mim, pra eu morrer aqui, morar até morrer, depois de morta só tem uma casa pra gente. (/) O cão quando num vem manda o secretário. O maconheiro morava de frente a eu (...) disteiou a casa, eu sentada na cama, CEDO, cedo. Eu butei as teias no quarto, quando eu me aposentei, coloque as teia, E EU NÃO SABIA, depois foi qui eu subi que andava com uma sinta na Mão pra dar neu, aonde pegasse, morava de frente, CAMBALACHEIO, da gangue mermo. Quando tavam no pé dele aqui, pa pegari ele, ele curria pro Rio de janeiro, nessa pegada ele pussuú três casa, uma ficava aqui bem pertim. Olha, quando ele viu eu butar as teia nova, fiz calçada, fiz uma areiazinha na cuzinha, ajeitadinha, ai a casa ficava na esquina, o posto tava apagado. Ai ele foi (...) CEDO, O POVO TUDO NA CALÇADA CONVERSANDO. Ele sabia mais ou meno, a sala lá de fora eu parti cum a cortina um pra cama outra pras cadeira, eram dois quarto eu parti um, foi, ele tirou a teia, quando eu vi o chiado da teia, eu me sentei, me sentei pra ver se ele ia tirar de baixo, lá na frente o posti no iscuru, **ai eu num abri a porta pá olhar não, no outro**

dia, eu também num durmi não, tava fazendo um café. Ai gritarum, E ESSA TEIA? Ai ele disse, eu tirei pra fazer o mal, se ela achar ruim, eu dou nela também. Antoin de Leleuda, Antoin de Leleuda. Ai eu fui morar notra casinha vizinho a Zé, Zé tio da (- - -) Tiazinha. Pagava cinqüenta real, o homi morava no coisa, ai Neuma disse MARIA VOCE É DOIDA? Deixar de morar num quartim sem pagar pá ir morar nouto pagano. Num tem nada não mais eu num vou morrê de graça. (risos), paguei e saí de lá num fiquei devendo nada, só saí porque o homi morava im Nazarezim e vendeu a casa. E o tio da tiazinha morava vizinho a eu, era muito unido cum a mulher dele e as fia, a piquena só vivia mais eu, aí, ela disse, ela trabalhava aqui no, no aqui no colégio (- - -), ali no coisa, comé? Nesse aqui do comércio, aí, ela trabalhava no Nossa Senhora de Lurdes e ai no Caic, ela trabalhava nus dois ixpidente e a minina dela só vivia mais mais eu, e a mocinha, aí a vó dela ficava mais eu, (...) ai a vó dela disse qui se não tivesse, a vó não a sobrinha dela, ela disse Maria oh, Joel, não, sei nome mais não, ela disse Maria, **dona Maria si eu num tivesse devendo, ela fez uma reforma no banheiro né, trabalhava os dois ixpidente e o marido bibia muito, ai ela disse si eu num tivesse devendo eu ia comprar essa casa pra senhora num saí nunca de perto de mim, só porque a senhora dar assistência a minha vó e minha filha. Aí foi eu disse, é mais é assim mesmo.**

3. Ai foi tanto qui desacupou o quartim aqui im Dourinhã, ai eu vim. Socorro já morava aqui no Remédio e eu vim. Aí Erismar, quando ela sobi qui eu vindi a casa qui eu morava, ai disse eu vou buscar minha veia pá pontá aqui perto deu, ai foi buscar, o carro deu duas viagi pá trazê meus breguessos. Quando eu tava disinpregada, mãe morava no Barro. e eu andava vinte quilômetro pegano carona pra vim pá casa de Socorro pá durmi imbaixo da cama de Erismar, (risos) ai eu contano a Deuzimar, ele dizia e ela num mixava não, eu dizia mixava mais não incima deu (risos). Aí cumpade Amaro dia si deitava no chão, ai aquele mais novo de Socorro comé? Neguinho tudu tem apilido em tudim. Quando cumpade Amaro passava bebo cai aqui cai aculá no chão, ai ele dizia agora vai pisar na cabeça dela, agora pisa mermo. eu curria pra dibaixo da cama de erismar, ela durmia hora de cama ora de rede. Eu durnia nu chão com a mão im cima da cama, era minha fia. lá no Monte Alegre oh, ela destamanzinho, ela achava melhor ir pro açude lavar roupa mais eu, que ficar em casa. Eu trabalhava no hotel, aí eu trabalhava no hotel e a roupa miúda a rente lavava im casa, eu e a dona do hotel, porque quando tava pouco movimentu no hotel, só nois duas, ela era do bar

e eu da cozinha e do salão. Seis mesa eu atendia, só eu e Deus, agora, do comer, a sobrimesa, a água e o café, as vez era quatro, cinco mesas e nois quando tinha vaga lavava a roupa miúda no banheiro, e a outra nu açude, lá no Monte Alegre. Dotor Deusdete cansou de ir comer La quando o sogro dele era vivo. Ele ia passear na casa do sogro e fazia as refeição aonde eu trabalhava. EU TRABALHEI MUITO IM HOLTEL, BICHINHA, num tinha tempo de fofocá e durmia carne temperada, era um fugão a gás e um de cauvão, no fugão de caivão já durmia do feijão de mõi na panela im riba do fugão, a batata pra verdura dento d'água in riba, a batata doce, eu deixava tudu arrumado. ERA MINHA FIA,EU SOZINHA, NUM QUIRIA CUNVESA CUM NIGUÉM, eu deixava tudu pruntu.

4. Aquele triangu que vai entrar pras banda de Fortaleza até o Milagre, a primeira churrascaria do Milagre eu trabalhei, lá num tinha nem porta pra fechar. Que era do homi aqui do (- - -) coisa, Juazeiro, não, daqui de Cachueira. E hoje o dono do Monte Alegre mora em Fortaleza e era de João Rolim, João Rolim, Raimundo e Moisés, hoje são rico que nem presta tudu dono de avião, moram aqui é (- - -) aqui pra baixo. E era hotel só de mulhé, ele dizia, VOCÊS RESPEITE MARIA. Eu cozinhava, Socorro morava bem pertim, tinha família qui morava bem perim, mais elas respeitava. Erismar, mocinha nova, ia fazer as unhas delas, lá nu prédio. Mas elas respeitava, né? O programa delas pro fora e eu nem sabia. Os camioneiro trazia isposa, fi e cumiam lá. Eu num recebi um convite pra ir morar im São Paulu. (risos) foi. A mulhé ficou doida pra me levar (...) eu num viver brimcando cum ninguém, nem fofocanu. Chegasse um camioneiro eu ia lá fora na calçada perguntar o que ele quiria. Ele perguntava o qui saia pro lanche. Eu fazia comecial, tudu separaduzim. O comer doscamioneiro, num distampava nem a panela pra olhá e tinha o churrasqueiro também. (+) MINHA VIDA NUM FOI FÁCIL NÃO. Essa perna aqui é torta desse jeito, num foi outra coisa, foi uma dor qui deu, eu morava no Maranhão. Fiquei parada assim. Foi dois homi pra me levar, porque eu não conseguia andar. Foi de repente. Eu num agüentava, só fazia chorar, aí dotor Epitácio disse que se tivesse cuidadu quando deu a dor eu tava boa, mas a mulhé qui eu trabalhava com ela, tava mais duente qui eu. Câncer nus ossu. Aí no dia di interro dela aqui na casa da mãe dela. Irmã de Neuma Brito. Aí Zarinha disse: Epitácio, eu tenho o mermo problema de dona Neide? Tem Zara mais eu vou cuidar de você. Aí ele cuidou, mais Zarinha tinha o câncer nos ossu. Né todumundo que

acredita, Glória diz qui é mintira. É cum toda certeza que Zarinha tinha o câncer nos ossu. Ela dissi no interro de Neide. (+).

5. Quando andava mais mãe, aí o pessual perguntava: são irmã? Não, aí eu dissi: não, eu sou a mãe dela (risos). Parece qui é de sete mês, aí eu dissi não eu sou de dez. Lá im casa tinha um de sete mês. Um cum facão e outo cum a ispingarda. Eu dissi você acerte porque senão quem atira em você sou eu. **Eu era uma peça boa!** Eu infrentei foi quato pistoleiro da Aurola, ah, um cum a faca desse tamanhe e outo cum revolve no monte Alegre, Socorro sabe da história. E quem foi o baliado foi só a dona du hotel. Aqui pra Cajazeiras foi dois motorista pra trazer ela, que um só num dá, faltava os nervo do motorista, a bala entrou assim e saí assim. Ela (/) eu criei o mininu dela, ele ficava nus meus pés, me chamava de mamãe. Aí os camioneiro (xxx) ali era crase de gente acanaiada. Eles chamava Maria, que eu era Maria e a dona do Hotel é Maria, eles dizia eih Maria, esse mininu, qui ele chama mãe, é fi de Maria cum seu Marido, (risos). O mininu cum cincü ano, quiria qui eu roubasse ele pra ele ir morar cum camioneiro, lá no Cascável. Cincü ano, os amigos dele era camioneiro. Aí eu num robei, ave (xxx) aí eu arrumei ele e ele foi pra Natal mais o camioneiro. Ele pidiu a eu pra deixar, agora num deixasse não qui ele ia chingá eu, capaz até de fazê um arti. Aí o camioneiro dissi que cum três dia, ainda num tinha discarregado o carro, qui discarrega o carro e carrega de novo. Aí ele abriu o bocão a chorar cum saudade deu. (risos) aí chegou (risos). Aí o camioneiro achava bom porque ele cunversava muito, cumia na mesa mais o camioneiro, trabaiava na burracharia mais o pai. Ele hoje é casadu, mora na Iara. (+) sou do Rio grande Do Norte, comheço o Rio Grande, **NÃO TENHO LETRA, NÃO TENHO NADA, NÃO TINHA DOCUMENTU. Trabalhei em duas casa de estudante, tinha até moça aqui da Paraíba, do Piauí, eu tenho um retrato qui eu tirei cum reitor, nu bata fora do reitor na cuzinha da casa qui eu fundei, a primeira casa veia que foi cunstruída em Mossoró, num tinha(+).**
6. Eu lembro qui o primeiro colégio que eu entrei foi aquele do Xamegão, pra fazer faxina. Neuma foi me buscar, eu trabalhava na casa da mãe dela, eu tava almoçanu. Neuma era diretora, foi feita uma reforma no colégio, aí Neuma foi me buscar eu na casa da mãe dela. Aí Neuma, ah, eu tenho um braço forte lá im casa, vou trazê agora. Neuma num me butou pra lavar um carro, qui eu dissi que nunca na minha vida tinha um sirviço qui eu não fizesse. Aí ela saiu de casa deixou eu pra lavar o carro dela. Eu dissi Neuma era melhor qui você tivesse me dado uma vassoura pra eu varrer a rua

(risos) era mais fácil do que eu lavá um carro, a mãe dela achava graça e ela soltou a gaitada. Eu nunca tinha lavado, mais eu lavei. (/) eu só não gostava de foice, agora, machado eu derrubava qualquer um vivo.

7. Tava na semana santa, eu dizia logo ao donu du hotel **EU NÃO PEGU IM CARNE NA SEMANA SANTA**. Aí ele não mais aqui tem qui fazer qué pros camioneiru. Aí os camioneiru ia gueganu e eu num comu carne sexta- feira, na semana santa, pronto. Tá cumigu mermo. Pois é. **Num gostava de nada mal feito. Tudu meu era feito na hora**, arroz brancu, arroz refogade [] ele ta lá dento, Iracema. Ela num acredita não. Eih, tu vai morá aqui é, nu abrigo é, vou. Ehhh, vai namorá cum essi mininu é? (risos de Iracema) oh, aquela morenum prestava pra tu, ele só vevi aqui, ele. Eih os Poti tá sequim, os poti. Vá pra lá a gente vai cunversar aqui. (...) Pois é, minha vida foi assim, nunca levei uma reclamação de um camionriu chutá o pratu. E o comecial, ele só queria qui eu fizesse, comecial, você sabe, né, comu faz um comecial? Bota tudu divididuzinho bem arrumadim no pratu. Só trabalhei naquele trechu aculá, Jagauibe, ali num tinha nem istrada. Uma irmã minha morou lá. Quando ta cunstruindo o asfalto num faz aquelas casinhas assim? Uma irmã minha morou ali dibaixo. Os caminhão passava e dizia você é muito danada, pudê cum dessi tanti de caro im cima de você. Nois erum dez, cincü homi e cincü mulé. Morreu a mais veia de todinha. Ela morava im São Paulu [] para mulé, pois entre aí. Eu não num vô entrá não. Eu vou imbora daqui. Ave, isso abusa. (reclamando Iracema). Casou as duas mais veia casarum [] seu tivessi casadu mué, mais eu num casei. Só tem cão, o daisbo, a gota serena. Ela só fala no cão. (...) Pois é casou as duas mais veia e eu. [] **MULÉ DEIXA DE MINTI**. (referindo-se a Iracema, idosa que mora no abrigo) Ele num foi imbora não, ta lá dentu. Eih muezinha tu vai namorá cum ele (risos) vai, é. Não muiezinha, eu vô mi bora daqui, dona Marta dissi que ia imbora. Pois vá dizê a Gilberto qui você vai imbora. (+) dez irmão. **DOIS MAIS NOVO DO QUI EU MORRERU DE ACIDENTE**, um (...), eu trabalhava im Mossoró, eu tava lá im cima na roda giganti, quase dismaiava e caia lá di cima. Quandu eu sobi qui o mininu tinha murrido de pescoço quebrado. Mais vei tinha cincü ano. Não mora nem um aqui não.
8. Eu sou Du Rio Grande do Norte, ali Du Patu, fila natural Du Patu, pertu da Serra do Lima. **EU SEI DA HISTÓRIA DE SANTA RITA**. Dona Santa Rita era uma minina cum nove ano andava atrás das criação Du pai dela, aí si ariou e subiu a serra. A mãe muito devota de nossa Senhora fez a oração e entregou a Santa Rita, aí quando

amanheceu o dia, os caçador acharum ela im cima duma pedra viradu santa. A piquena Irma dela cunheceu ela. Era Rita. O mesma história de São Francisco Du Canidé, a mesma história. Ela si perdeu é lá, ela se perdeu atrás das criação. Aí os caçador foi dizer ao padre de Patu. Purquê a Serra du Lima nu altu e Patu imbaixo. Aí o padre vei levava ela, quando macia o dia o padre chegava, ela num tava na igreja, o canti mais limpu qui achava. Ela já tinha voltadu de novu pra peda. E mãe tinha feito uma promessa a Santa Rita pá mim, eu tinha um pobrema no nariz, toda vez qui eu gripava criava firida pur dentu du nariz, todú cantu. Aí mãe fez uma promessa pra Santa Rita, logo quando apareceu a história dela, qui si eu ficasse boa cortava meu cabelo igual o dela, pá Santa Rita. Aí eu morava mais o prefeito no sítio, nois morava cum prefeito nu sítio, sítio não, fazenda. O prefeito chegou, amanhã nois vamu tdu pra Patu, pá serra do lima. Eu dissí eu vou também? Vai vai todú mundu a casa vai ficar fechada. Aí eu dissí oba! Passei a noite arrumandu a casa, era grande casona de sítio, né. Aí eu fui, mais lá deixava o carro no pé da ladeira. Quando nois cheguemo lá, já tavum cumeçanu a construir o altar pra ela. O altar era pra ficá im cima da peda, a peda formanu o altar pá ela. Aí a família sobe da história e foi vê. Quando a irmã viu dissí MÃE É RITA! Ela tava cum a chinela de sola que chama currulepo e o brincu. A irmã, mãe ó o brincu! Aí ficarum toidim. Aí o pade escondeu ela igual São Francisco do Canidé. Num é iscundico? Eu fui, nessi dia eu fui. Tavum cunstruindu a capelinha. Aí eu cunversei cum o padre tudim, qui mãe fez essa prumessa e eu quiria pagar, aí ele dissí: eu num cunverso você porque tá cum roupa sem manga. Lá ninguém usa roupa sem manga, é roupa bem comportada, im Patu, senão, não entra na igreja. Aí eu contei a história. Aí ele dissí: não tem esse milagre de cabelo, porque cabelo nace em toda parti do coipo da pessoa. Tá vendo Cuma é. Ta vendo a genti só vai. (/) Pensum qui eu num sei falar. Aí ele dissí eu agora tô fazendo a capelinha dela dê um ismola e tá pagu. Aí eu fui cheguei perto do prefeio pidi o dinheiro ele me deu e eu dei. Era o prefeito de. O nome da minha mãe era Isabel e meu pai Ozildo. Pois é Santa Rita.(xxx) O povo nu Rio Grande bota muito o nome das fia de Rita de Cácia, pur causa de Santa Rita. O povo tem muita devoção pela santa aí chama as fia de Rita de Cácia, Maria de Cácia. Aí nessi tempo, faz muitos ano, num tinha pista, num tinha istrada ainda não. Nem subia carro. Aí me disserum qui agora na istrada de Patu ta subino carro. Quem passa vê a Serra im Patu.

9. É, antigamente, e eu era atacada dos nervo, aí qualquer situação eu caia. eu me tratei dos meus nervo im Mossoró. foi um curador qui curou. Agora podi cair essi prédiu aí atrás qui eu nem ligo. Eu ficu só olhano. Eu trabaiava na câs das istudantes im Mossoró, qualquer coisinha qui dissessi eu já tava caindu. Pois foi, bichinha. Num passei três mês casada, porquê nessa cabeça (gesto de que ninguem manda). Eu acho qué quandu a genti tem qui passar uma coisa pela vida a genti passa, qui minhas amiga dizia Maria CE num vai casá não? Eu dizia: Deus me livi. (/) O homi qui eu trabaiava cum ele, o prefeito, governador ou, dizia: Maria purquê você num casa? Eu dizia: purquê num tem tempo, num tem tempo. O sangue da gente qui faz mal as carne. Aí quiria butar cabrestu neu. Meu primu. Eu dizia só teve um homi pra butar cabrestu neu e quandu eu sacudia caia longe, meu pai. Querenu mandar neu num quiria trabalhar, homi pegue o becu, num olhe nem pra trás. (risos). O boi solto, Neidinha, si lambi dus dois ladu e um amarradu só labi dum. Isu aí quiria mandá. Hum! (/) robarum meu panu da cama. Eu num queru qui lavi minhas roupa. A minina qui lava a roupa me deu dois lençol. (xxx) Socorro qui me dá o sabão pá eu lavar minha roupa. Eu num queru nada daqui. (/) quandu eu me apusentei eu sufri pra me apusentá. Foi pur causa dessa perna. Vei até uma equipe. Eu fui pra lá Du Canidé. Vei uma equipe de João Pessoa pra sabê quem era qui tava apusentadu. Neuma Brito, o irmão dela trabaaiava lá na cheche, o pai daquela minina qui morreu de dengue hemorrági. Elvira qui mandou pra São Paulu e vei atestado qu'era dengue hemorrági. Subrim de Neuma. Eu cunheço aquele povu tudim. Tem um irmão de Neuma, Jodaí, fez um cursu na Ispanha. Ele mora im Fortaleza irmão de Neuma.
10. Você sabi ali onde eu morava. Pois é. Essa perna num tem mais nervo. Socorro e Elza trabaianu e eu lava pratu, roupa cum mininu no braço, num tem quem aguenti, né. Aí dona Fátima disse: VÁ PRO ABRIGO. EU CUNHICI QUI A VOZ ERA ELA, EU SABIA QUI ERA ELA. SÓ UVI A VOZ. Eu andava aqui, num tinha essi dregau não. Todus os meses eu comprava um lito de leite e trazia pra qui. Eu perguntei a Doca: Doca, tudu qui a genti dá o obrigo recebi? Ele disse: recebi. Eu vim passia aqui cum Socorro. Socorro nunca tinha andadu aqui. Era outa cunzinheira, mais num via dona Fátima, nem Gilberto. Aí quandu eu vinha todus os mês. Seu Luiz fotográfo essa semana vei aqui e eu falei a ele e ele disse é certeza, é verdade. Aí eu vinha trazia o leiti, batia, tocava na cigarra e dizia: a porta áa aberta pode entrar. Eu dizia: eu num vou entrá sem ordi Du donu. Aí a cunzinheira tava saindo, tava fazeno tratamento nos

dentí. Vamus recebê dona Maria qui ela ta lá fora. Eles vinha e eu intregava. TODUS OS MÊS. Mais eu sufri pra. VÁ PRU OBRIGO. Aí eu mandei o recado pra Socorro, Erismar. Pois é. Eu num vim acusta de político (...) Mulé, hoje eu já soltei um bucadu de venenu, pur causa dessa qui chegou pru derradeiro. Ela valenti qué dá ordi neu, qué dá ordi im todu mundu, (...) né pra dizer nada cum ela, o povu da casa gosta dela, num é pra dizer nada cum ela. Ela dormi no qauto cumigo. Você num viu tem a malinha EU NUM BOTO MINHAS COISA NASQUELA GAVETA, NÃO. Aquelas gaveta é só coisa de Gilberto. Aqueles quando. Aqueles coisa de lata qui vivia ai no chão, eu apanhei tudim e butei lá nas gaveta. Eu boto às vezes um pano véi, um papel de banheiri. A minha vida é sozinha eu num tenho nada. Eu qui lavava minhas roupa. Agora é Nenem qui lava. Vamu Pará pur aqui. Tá bom.

As lembranças de Seu Severino Joel de Araújo

1. Eu num lembro a idade, mais sei a data. Eu sou de trinta e três, do dia cinco de novembô de trinta e três. Faça as conta ai pra vê se num dá mais de cem ano. Eu sou de Cajazeiras, morava aqui im Cajazeiras mesmo. Casei im São José de Piranhas. Fui pru'ma festa na Picada na casa de Joaquim de Mizaé. (xxx). Naquela festa revolve na cintura, um trita e cinco, uma faca de gipuí. (/) Na minha família era cinco homi e cinco muié disposto, tudo trabalhador, dispostos. Eu num crici muito purquê puxei a mamãe, os outros era um metro e setenta, oitenta. Eu num passei pra pára-quedista pur causa da altura. EU QUIRIA POUSÁ DE AVIÃO AQUI. SIRVI O EXÉRCITO. NUM TINHA RICURSO. MAIS SABIA LER, ESCREVER E ESTUDAVA DE NOITE. Era oitenta rapaizote. Passei purquê era isperto. Fiz o cuso e fui promovido a cabo. Aí dissí: vá buscá sua isposa. Aí vim de avião pra Fortaleza e depois vim pra qui, pra Cajazeiras. Aí foi, depois de dez anos, fui cunhecê a moça, num era a(...) era normal, assim.... Fui levá pra cunhecê meus pais,tudo. Ainda num tinha nem noivado. Aí mãe dissí (/) ela era morena, cabelo castanho, cabelo crespo. Ó NÊGO, VAI CASAR CUM A CAIXA DA FARMÁCIA. Ela tava desmaiada mais dissí qui num tava. A primeira Jerusa Joel de Araujo e a segunda, Cariza Albuquerque de Araujo. Vivi treze ano cum ela, só naceu uma minina. Cum a primeira três, duas minina e um

mininu. Vamu fazê de lado. Eu diSSI vamu mudá de posição pra vê si naci um cabra macho. O HOMI QUI FAZ A MULHER E A MULHER É QUI FAZ O HOMI. Intão pegou. Cada um tem qui fazer ficar gostano do negócio. Não é o tamanho qui importa. Tinha colega meu qui cbutava a tualha de rosto. Num é assim. É quatoze, é quinze. Quatoze é assim e quinze é assim. A gente tem qui fazer. Mulher quando bota chifi no marido a gente sabi. (...) cada jogador qui joga num campo, na segunda vez ele já ta sabendo onde tão os buracos. (/) eu li num livro qui quando o homi goza o isperma quando sai correndo pur baixo do menbo num currida na vagina eles brigam pra entrar. Quando nace gemio, imptô. Minha irmã, qui Deus tem pena da alma dela, teve três. Eles brigam e impatum. Tivi três Edna, Mabel e Joel. Esse Joel era um metro e setenta de altura puxou a meu pai. Aí o que se fez. Eu saí do Ri de Janero.(xxx) meu pai deixou um no Ciará, na Paraíba naceu mais dois. Geraldo pro Ciará. (xxx)

2. Eu brincu carnaval todú ano. Brincu carnaval no Ri de Janero. Cum peruca, cabelo longo, eu de saia e sutiã. (xxx) um cabo da polícia sivil e outo do exército. Lá no Ri de Janeiro. Ele todo fardado. Aqui, assim. Vamu tirá as minina pra dançar. Eu puxo do pé isquerdo aqui, o direito ali. Eu fui troquei de sapato, isso aqui é buracha (referindo-se a bota). Meu sapato era Zuca Brás. Tem a marca Zuca Bras e tem o sapato. Quando eu voltei. (/) teve uma festa aqui de São João. Dona glória mandou a morena me tirá pra dançar. Ela, ali, ficou na dela. Olhei, eu tava cum'a morenona. Meu sapato era alto. Aí trinta e oito de bustu. Tem trinta e oito, trinta e seis, quarenta. Maria da glória ficou assim. Eu disi: qué dizê qui ninguém pode conversar cum ninguém, aqui não. Iscundido num tem graça. Eu gastei vim pra qui tirei quinhentos real da caixa econômica. (/) Edna tá no Ri de Janero, Mabel no Ri de Janero e Sivirino Joel de Araujo, essi num sobi nigociá. Ficou só Edna qui vem me visitá. Puxou a mim. QUANDO EU DIGO EU FAÇO. EU FAÇO. Ela só tem um fi. EU DIGO: NUM QUERA MUITO FI, IVITI. Até dois mês si tomá coca-cola im gijum, natural e provoca. Dismancha tudo. Pra num dizê qui eu to mitindo. Tu pega um pedaço de carne e colouqui numa piri e boti um pouquim de coca-cola, num precisa butá pra cubrir não. Num demora poucas hora, ela, num tem mais nada. PODE EVITÁ. PRA QUE MUITO FI? Meu irmão teve só um fi. Diz qu'eu sou farista. Mais não na frenti da mulhé (xxx). A primeira cum dez ano de casado morreu de banha. Ela caiu, dismaiô quando era sorteira.intão, coração. (/) o caba qui bati na milhe eu bato nele também. Eu vim buscá ela (à segunda mulher) levei até a sogra. A minha sogra quiria

qui eu assinasse o termo de responsabilidade pra fazer a cirurgia de catarata da vista. Eu num assinei não. Ela assinou e morreu da cirurgia. Dessa só uma filha. Eu fui visitá agora nesse ano passado. Mais tá viciada. Tá cum cocaína maconha. (/) ô Lídia. O qui foi? O qui Foi? Ô LÍDIA, QUEM TI VIU, QUEM TI VÊ. Ó MINHA FIA. TU TÁ AINDA CUM ESSE CABRA? Agora ela bate nele. É, ela é valente. Tem um gênio. O nome dela é Lídia Albuquerque de Araujo. Albuquerque é pur causa da mãe. Quando é minina o segundo nome é da mãe, e quando é homi é do pai. Papai era Joel Vicente de Araujo.

3. Eu gosto daqui.(- - -) purquê, mais num é(...) qui é um lugar piqueno e num pode namorá. Tem qui ser iscondido pur causa de Gilberto. (/) aí eu dissi: quem foi o primero? Foi Valdice meu irmão? (/). Eu trabalhava cumu diarista na universidade cum dotor Zé Leite, eu acho qui você já uviu falar. Chagas Amaro era o incaregado de lá. Seu Zé Leiti o diretor. Trabalhei quatro ano cum ele, num pode fichá purquê. (xxx) Eu fazia várias operação na maquina de iscrevê. Na hora. Si fosse contá as história do meu trabalho. Era muita putaria. Eu faço amizade e todo ambiente qu'eu consigo. (/) EU JÁ FUGI DAQUI DUAS VEZ. EU NUM SOU PRISIONEIRO. AQUI PRA MIM PARECE UMA PRISÃO. É O LAR DOS IDOSU, TÁ ALI ISCRITO. Tava na hora da merenda. Eu troquei de roupa.(...) Visti duas roupa. [] e passou um carro. Aí tiriri Cajazeiras. É. Cajazeiras. O qui ta fazeno aqui? Eu vim aqui na casa da minha filha. Chegou na Camilo de Holanda. Eu, pare aqui. Tivapi, tivupi. Tem a principal e a Camilo de Holanda, a outa passa im frente a igreja Catedrá, Nosa Senhora da Piedade. Eu to deveno uma promessa lá. Cê qué qui eu leve você lá na igreja nossa senhora da Piedade? Passi. Se eu conseguisse a transferência. E nossa Senhora da piedade aceitou.
4. Eu vô casar cum você. Agora se você dé bobeira.(...) Aí fui lá no bancotirar o dinheiro. (/) Ela é de vinte e quato e eu sou de trinta e três. Nove ano de diferença, nove não. Vinte e quato pra trinta e três. Onze ano de diferença. Cariza, Cariza não, Glória. Cariza era outa. (xxx). EU SOU FARRISTA, PURQUÊ É BOM. Bebô, mais num robô, num fumu. Nois morava no Miranda. Tem Miranda, Barrera, Martins. Distância pra Cajazeiras, dizoite quilomentro.mamae dissi qui nois andava a pé. Sandalinha de sola. (xxx) fugi, cumé o nome? Eu me ariei. (...) no sangrado. Tem o istadual, né? Sai ali onde mora meu irmão. (/) eu vô ajeitá o documento. (...) eu tinha três casa, vindi uma pra ajeitá o interro da mulhé. A segunda. Faz dois ano. Foi im setenta e nove. Vinti e seis de julhu. (/) PAPAI NUM INSINOU ISSO NÃO, MINHA FILHA.

VENDENO MACONHA, COCAÍNA. RESULTADO. DEIX'ELA PRA LÁ. (/) Glória ganha uma mixaria, é professora. Acho qui num é nem um salário. pareci é di prefeitura. Pense numa mulhé trabalhadora. (xxx) eu perguntei: o que cê vai fazê dessa casa qui tu tem? Ela disse: vō vendê, comprar outa mais no cento. (...) eu vō recebê uma bolada aí. Ta pá saí. Vō comprá um avião. (risos). (xxx) o homi e a mulhé são diferente. Tem homi qui gosta de pé. (...) tem qui si acertá. Tem qui ser pu resto da vida. A mulhé tem qui aprendê dançar. EU PRETENDO CASAR, QUÉ ISSO. EU SEI OS CÓIDOS MALICIOSU E USO UM POUCO DA PSICOLOGIA. PISCA ESSE, DEPOIS ESSE E FAZ ASSIM. (gesticula passando a língua sob os lábios). Aprendi cum a psicóloga. É.

5. Me dê a camisa qui você rasgô. O VEI FAZENDO BATUQUI DEZ HORA DA NOITE. Tava pintano aí uma linha horizontal assim, outa vertical assim (no dia da entrevista o abrigo estava sendo pintado). (/) Joel num confia. NUM TEM MOTIVO. E a camisa qu'ele robô? Vô na delegacia falar cum delegado. Peça de roupa é furto. EU SEI QUI EU JÁ FUI CABO DE EXERCI. É FURTO TÁ NO CODE VINTE E NOVE. (/) vamu juntar os troçu. Você ganha tanto. É uma mixaria. Parece qui é na prefeitura qui trabalha. Toma conta de aluno. Tem paciência dimais. Num pode tê fi. A idade já passou. Tem qui sê é assim. (/) no tempo de Trancoso os capatazes dele vinha. Num tinha o qui cume. Matari uma mulhé, aí um pegou uma peixeira e cortou um pedaço do grilo. Butou num ispeto de pau.num tinha sal nem nada. Aí dissei cherim isquisito. É o cheiro dela,forte. Do priquito da moça qui matarum. Pra cumê purquê num tinha outa coisa. Foi no tempo do cangaço. É. (risos). (/) Eu lavano a caixa d'gua lá das Popular. Ela piquininia, e mãe dela. Comé qui pode tu sê professora, rapaz.ai negô. O que? Combinou cuns caba? (...) Caba senvergon. (...) Nas Casa Popular, subino lá pra cima. LÊDA ERA A PIRANHA LÁ DO BÁRRU SÃO JUSÉ. Eu morei naquela rua qui tem a padaria de seu João. Saiba niguciá, rapaz. Tinha um nêgo do pé chato qui fardadu tumaza coca-cola acumpanhado cum cachaça. O cara de Fortaleza. NO RI DE JANERO, FAVELA, MACONHA, COCAÍNA. Tava uma pessoa passando (xxx). Hei, Chico Martins morou, moramo vizim cum vizim no Miranda. (/) tá pisano no meu sapato, sapato meu é ingrachado, essa bota aqui é purquê eu sô guarda aqui. MEU COMPORTAMENTO É BOM, ÓTIMO. OS DOIS. NÃO É EXCEPCIONAL PURQUÊ NÃO TEM O CÓDIGO. NÃO TENHO NADA, NADA, NADA. FICHA LIMPA. SÓ ANDO SOZINHO. CASO AINDA ESSE ANO (- - -)

pode ficá só dano ordi ai.eu vô, essi finá de semana lá pidi a mão dela. Im Chico Martins, si eles cunsintir. Eu noivo cum ela. Ela sabe. EU QUERO CASÁ. NUM QUERO FICAR NISSO AQUI, NÃO. Aqui num tem graça não. Eu trabalho aqui na portaria, mais pagamento, num sai não.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

